



**Universidade de
Aveiro 2021**

Tingwan MI

**O tratamento da voz passiva em materiais
didáticos: o caso do ensino de PLE na
China**



Universidade de
Aveiro Ano 2021

Tingwan MI

O tratamento da voz passiva em materiais didáticos: o caso do ensino de PLE na China

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira / Língua Segunda, realizada sob a orientação científica da Prof.^a Doutora Sílvia Ribeiro, docente da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda da Universidade de Aveiro

o júri

presidente

Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais

Professor auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Doutora Emília Maria Rocha de Oliveira

Investigadora Doutorada do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da
Universidade de Aveiro (**arguente**)

Prof.ª Doutora Sílvia Isabel do Rosário Ribeiro

Professora Adjunta da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda da
Universidade de Aveiro (**orientadora**)

agradecimentos

Agradeço à vida que floresce a cada amanhecer. Ao meu pai, que sempre me forneceu suporte financeiro. À minha mãe, que me ensinou o valor do estudo. Ao Fuqiang Zhu, em cuja casa fui acolhida e onde tudo começou. Aos meus colegas, Alice, Rosa, Ivo e Iara, cujas presenças se constroem na ausência. Aos meus amigos, que são referenciais na busca constante pelo conhecimento. À professora Sílvia, pelas sugestões valiosas ao longo do trabalho, pela disponibilidade carinhosa por entre tantos papéis. Ao professor Branco, farol dessa caminhada, sempre indicando caminhos no caos. À Universidade de Aveiro pela resistência. Aos encontros, cujos nomes e imagens não lembro agora, mas serão evocados em gestos e atitudes que ajudaram a constituir esse percurso.

palavras-chave

voz verbal, voz passiva, materiais didáticos, ensino-aprendizagem de PLE

resumo

A presente dissertação propõe-se apresentar um estudo do sistema de voz verbal da Língua Portuguesa. Neste trabalho, analisa-se o modo como as estruturas de voz verbal são explicitadas por autores de épocas diferentes e verifica-se como estas são trabalhadas em materiais didáticos (manuais e gramáticas) usados no ensino-aprendizagem de Português Língua Estrangeira (PLE) na China. Com este estudo constatou-se que as abordagens à voz verbal (maioritariamente voz passiva) são bastante similares nos diversos materiais analisados, optando-se sobretudo por exercícios de repetição, sendo, por isso, importante reforçar a relação entre o estudo deste item gramatical e o estudo de questões lexicais e semânticas, por exemplo, que facilitem a apropriação de conteúdos culturais de relevo.

keywords

voice, passivo voice, textbooks and grammar books

abstract

This dissertation intends to present a study of the verbal voice system in the Portuguese. In this work, we analyze how the verbal voice structures are explained by authors from different times and verify how they are worked in teaching materials (manuals and grammars) used in the teaching-learning of Portuguese as a Foreign Language (PLE) in China. Through this study, it was found that the approaches to verbal voice (mostly passive voice) are quite similar in the different materials analyzed, and the main choice is to repeat exercises. Therefore, it is important to reinforce the relationship between the study of this grammatical item and the study of lexical and semantic issues, for example, facilitate the appropriation of important cultural contents.

Índice

I. Introdução	1
II. Conceitos e reflexões prévios.....	4
2.1 Predicadores verbais: propostas de descrição e caracterização	4
2.2 A noção de transitividade.....	6
2.3. Diátese verbal e voz verbal	7
2.3.1 A voz em gramáticas normativas e de referência.....	9
2.3.2 A voz nas novas análises linguísticas do Português.....	12
III. Materiais didáticos para ensino-aprendizagem de PLE.....	19
3.1 A importância dos manuais para a aquisição de uma LE	19
3.2 O ensino-aprendizagem de Português na China e os materiais didáticos em uso.....	22
3.3 A gramática no ensino-aprendizagem de PLE.....	24
IV. A voz verbal em materiais didáticos usados pelos estudantes chineses no estudo de PLE	28
4.1 Análise global.....	57
V. Considerações finais	66
Referências bibliográficas.....	71

I. Introdução

A Língua Portuguesa como identidade e património cultural é também um trunfo para os membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que é uma organização internacional composta por nove países cuja língua oficial é o Português. Os números da Língua Portuguesa no mundo impressionam, a começar pelos 260 a 270 milhões de falantes, e está a conquistar estudantes desde o Senegal até à China (Ferreira, 2021). Atualmente, a Língua Portuguesa é assumida como um ativo económico, funcionando como uma mais-valia nas interações entre países que a têm como língua oficial e reforçando o papel e o impacto dos mesmos no comércio internacional (Reto, Crespo, Espanha, Esperança, & Valentim, 2020).

À medida que o comércio entre a China e alguns países de Língua Portuguesa se começou a tornar mais frequente e mais sólido, cada vez mais chineses começaram a aprender Português. Li Huang, professor responsável pelo curso de Português da Beijing Language and Culture University, disse: “Atualmente, cada vez mais pessoas na China querem aprender Português. Além de trabalhar como intérprete no futuro, pessoas que aprendem Português têm a oportunidade de trabalhar em um banco. O governo e os institutos de Confúcio e outros lugares funcionam” (Koike, 2019). Nesta época, muitas pessoas podem falar Inglês ou estão a aprender Espanhol. No entanto, não há dúvida de que o Português é uma língua que, permitindo que os seus falantes se diferenciem dos demais profissionais, terá grande potencial de desenvolvimento no futuro.

Para que as oportunidades potenciadas pelo domínio da Língua Portuguesa se confirmem, é fundamental que os estudantes assimilem e apliquem com correção as diversas estruturas desta língua, sendo capazes de adequar a sua comunicação às exigências dos contextos reais em que vierem a integrar-se profissionalmente. Para tal, é necessário que o processo de ensino-aprendizagem desta língua seja ancorado em materiais, estratégias e contextos ricos, diferenciadores, com qualidade e diversidade. Assim, este trabalho tem como objetivo estudar o modo como é tratada a voz verbal no ensino da Língua Portuguesa, especificamente a voz passiva, tendo-se optado por esta temática porque pesquisas atuais mostram que, pelo menos em termos de notícias, tecnologia, direito, etc., a voz passiva é bastante usada por falantes nativos (Qu, 2009; Xu,

2008). Por outro lado, pesquisas baseadas em *corpus* mostram que o domínio dos estudantes chineses sobre a voz verbal é significativamente diferente do dos falantes nativos (Wen, Wang, & Liang, 2005).

O estudo da voz passiva por parte dos estudantes chineses concentra-se principalmente no ensino universitário, no primeiro ano (Li, 2020). Considerando que os manuais e outros materiais didáticos refletem opções determinantes no que concerne ao ensino-aprendizagem de uma língua, considera-se importante proceder a uma análise do modo como a voz verbal é trabalhada num conjunto de materiais didáticos de suporte ao ensino-aprendizagem de Português Língua Estrangeira (PLE) na China.

De modo a contribuir para que os estudantes chineses de PLE consolidem a aquisição das diferentes estruturas de voz verbal em uso em Português, e sobretudo de modo a que as usem de forma autónoma, consciente e adequada às diferentes situações de comunicação, é importante esclarecer de que maneira a voz verbal é trabalhada nas aulas de PLE na China, dando-se especial relevo à voz passiva. Na realidade, o tratamento deste conteúdo gramatical em específico pode diferir, em certa medida, dependendo, entre outros aspetos, das características dos professores e das instituições de ensino. No entanto, todas as escolas na China são obrigadas a recorrer oficialmente a materiais didáticos autorizados, razão pela qual a maioria dos professores costuma seguir as instruções dos materiais. Portanto, em certa medida é possível verificar o que é ensinado e enfatizado nas salas de aula de Português na China, examinando os conteúdos incluídos em alguns materiais didáticos relevantes.

Assim, e para responder ao objetivo geral deste trabalho – perceber de que modo as estruturas de voz verbal, com especial enfoque na voz passiva, estão presentes em materiais didáticos em uso no ensino de PLE na China – o trabalho organiza-se em várias partes, as quais refletem, de certo modo, alguns objetivos específicos subjacentes ao mesmo, como caracterizar e descrever as principais estruturas de voz verbal do Português, considerando aperturas de diversos autores, e refletir sobre a importância dos materiais didáticos no processo de ensino-aprendizagem de uma LE.

Depois desta Introdução, apresenta-se o capítulo II, que inclui contributos para a definição de alguns conceitos teóricos fundamentais para a compreensão das estruturas de voz verbal em Língua Portuguesa. No capítulo III, apresenta-se uma breve reflexão acerca

do ensino de PLE da China, com especial enfoque na importância dos materiais didáticos nestes processos de ensino-aprendizagem. O capítulo IV analisa vários manuais e gramáticas de PLE, procurando perceber o modo como neles se apresentam as estruturas de voz verbal, dando-se especial atenção a quatro domínios de análise: o modo como se introduz este conteúdo; as explicações a respeito do mesmo; os exercícios propostos e a avaliação. Por fim, apresenta-se um capítulo com Considerações Finais, que compila o resultado das reflexões e análises prévias.

II. Conceitos e reflexões prévios

Neste capítulo apresentar-se-ão alguns conceitos indispensáveis à análise aplicada que se desenvolverá posteriormente. Na realidade, para que possamos perceber o modo como é apresentada a voz verbal em materiais didáticos de apoio ao ensino-aprendizagem do PLE, precisamos, antes, de esclarecer conceitos nucleares associados à estrutura das orações, ao modo como as mesmas se (re)organizam e à diferente leitura resultante dessas possibilidades de reorganização frásica. É também importante perceber que circunstâncias extralinguísticas justificam a opção por diferentes possibilidades de organização das frases.

2.1 Predicadores verbais: propostas de descrição e caracterização

Antes de analisar os fenômenos associados à voz verbal, primeiro precisamos de entender a constituição da frase. De acordo com a gramática tradicional, existem três tipos principais de componentes que compõem uma frase: termos essenciais, termos integrantes e termos acessórios (Abaurre, Pontara, & Fadel, 2005, p. 262-265). Cada um destes termos pode ser dividido em várias categorias, conforme se visualiza na Tabela 1.

Tabela 1: Termos essenciais da oração

Termos essenciais:				
Sujeito:	Sujeito simples	Sujeito composto	Sujeito indeterminado	
Predicado:	Predicado verbal:	Verbo intransitivo	Verbo transitivo e o seu complemento	Verbo em voz passiva+agente da passiva
	Predicado nominal:	Verbo de ligação e o seu complemento (predicativo)		
	Predicado verbo-nominal:	Verbo intransitivo + predicativo do sujeito		Verbo transitivo + objeto + predicativo do objeto
Termos integrantes:				
Complemento nominal:				
Complemento verbal:		Objeto direto		Objeto indireto
Agente da passiva				
Termos acessórios:				
Adjunto adnominal		Adjunto adverbial		Aposto

Fonte: Abaurre, Pontara & Fadel, 2005, p. 262-265

O predicado é o termo essencial da oração. Numa aceção semântica, entende-se por predicado “toda e qualquer palavra que tenha argumentos, lugares vazios ou valência própria” (Duarte & Brito, 2003, p. 183). Numa aceção sintática, o predicado está sempre em relação com um sujeito (Duarte & Brito, 2003).

Os verbos são palavras predicativas por excelência, permitindo “[...] atribuir propriedades a entidades ou estabelecer relações entre entidades” (Duarte & Brito, 2003: 182). Cada verbo está associado a um “[...] determinado número de argumentos, que codificam, conceptual e linguisticamente, as entidades envolvidas na situação extralinguística que os verbos descrevem” (Ribeiro, 2011, p. 26).

Segundo Raposo, “o predicador de uma frase é o item lexical que define o conteúdo fundamental das proposições, independentemente da sua natureza semântica mais precisa como representando ações, atividades, processos ou situações estáticas” (Raposo, 2013, p. 358).

Podem ser predicadores os “itens lexicais [...] que têm conteúdo descritivo, i. e., que representam propriedades atribuídas a entidades ou relações entre entidades” (Raposo, 2013, p. 358). As palavras predicativas têm capacidade de exigir argumentos. Estes são expressões que denotam entidades de vários tipos (pessoas, animais, coisas, situações, ...), sendo “requeridos pelo predicador para lhe completar o sentido, formando assim uma proposição completa” (Raposo, 2013, p. 358).

Assim, “os argumentos representam entidades às quais são atribuídas propriedades, entidades que entram num determinado tipo de relação, ou, de um modo mais geral, entidades que participam nas situações descritas nas frases” (Raposo, 2013, p. 360).

Cada predicador tem capacidade para exigir um determinado número de argumentos, apresentando estas características específicas. A tal conjunto de argumentos selecionados por um dado predicador verbal dá-se o nome de estrutura argumental. Assim, e seguindo um exemplo apontado por Raposo (2013, p. 361), “o verbo *lavar* [...] seleciona dois argumentos, um que representa uma entidade que lava (o SN *a noiva* [em *A noiva lavou o vestido*]) e outro que representa a entidade que é lavada (o SN *o vestido* [na frase acima referida]).

O respeito pela seleção argumental de um dado predicador é fundamental para a gramaticalidade da frase e, portanto, para o cumprimento dos objetivos comunicativos. Assim, por exemplo, a ausência de um determinado argumento de um predicador conduz, em quase todas as circunstâncias, a uma estrutura não gramatical. Por isso, para cada argumento de uma dada palavra predicativa deverão ser tidos em conta: o papel temático

que o predicador lhe atribui, a sua classe sintagmática e a função gramatical que desempenham na frase (Raposo, 2013). A título de exemplo: “a estrutura argumental do verbo *construir* [...] indica que este verbo seleciona dois argumentos, semanticamente com o papel temático de agente e de paciente resultante (a sua seleção semântica), funcionalmente com a função de sujeito e de complemento direto (a sua seleção funcional), e estruturalmente ambos sintagmas nominais (a sua subcategorização) (Raposo, 2013, p. 384).

Raposo (2013) refere que os vários níveis associados à estrutura argumental de um dado predicador estão necessariamente interligados, explicando que “os três níveis informativos da estrutura argumental mantêm um determinado número de relações entre si” (Raposo, 2013, p. 384). Para que se compreenda o modo como se articulam esses níveis, é importante, nos parágrafos seguintes, esclarecer alguns conceitos, como, por exemplo, o de transitividade.

2.2 A noção de transitividade

Para Cunha & Cintra (1985), “Os [verbos] intransitivos expressam uma ideia completa (...) Os transitivos exigem sempre o acompanhamento de uma palavra de valor substantivo (objeto direto ou indireto) para integrar-lhes o sentido” (Cunha & Cintra, 1985, p. 505).

Já para Bechara,

há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica (...) temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos (...). Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de transitivos (...) Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos (...) A tradição gramatical chama intransitivos a tais verbos (Bechara 1961, p. 414-415).

Mais recentemente, na *Gramática da Língua Portuguesa* coordenada por Paiva Raposo (2013, p. 384), explica-se que os verbos transitivos canónicos são aqueles que “selecionam (pelo menos) dois argumentos, um com a função gramatical de sujeito e outro com a função gramatical de complemento direto”.

Já de acordo com Duarte (2013, p. 430), “chamam-se transitivas as orações com um verbo transitivo, contendo um argumento externo com a função sintática de sujeito e um argumento interno não preposicionado com a função sintática de complemento direto”. É importante esclarecer que a noção de argumento externo diz respeito ao argumento que, num uso ativo de um verbo transitivo simples, se realiza como sujeito, isto é o argumento que ocorre, canonicamente, fora do SV (externamente). Por outro lado, o argumento interno ocorre, também em frases ativas com verbos transitivos, como complemento direto. Trata-se, por isso, de um argumento interno, no sentido em que faz parte (está integrado) do SV.

São também comuns os verbos intransitivos, sejam eles inergativos ou inacusativos. Com efeito, segundo Raposo (2013, p. 387), “os verbos intransitivos (i.e., aqueles que selecionam um sujeito gramatical mas não selecionam um complemento direto [...]) não têm todos uma estrutura gramatical em que o sujeito é argumento externo. Esses verbos dividem-se em duas subclasses, a dos verbos inergativos e a dos verbos inacusativos”.

Os verbos intransitivos inergativos são “aqueles cujo sujeito é agente ou tem algum controlo sobre o evento descrito pelo predicado” (Raposo, 2013, p. 387).

Ex.: *As crianças assobiaram durante toda a tarde.*

Já os intransitivos inacusativos são “aqueles cujo sujeito tem o papel temático de paciente ou de tema” (Raposo, 2013, p. 387), ou seja, o sujeito corresponde ao argumento interno.

Ex.: *Os meus vizinhos desmaiaram de fome.*

A transitividade implica o conceito de extensão a uma outra entidade, como é o caso dos verbos transitivos, cujas ações ou efeitos são levados a outros participantes. Enquanto que verbos intransitivos não apresentam extensão nenhuma.

2.3. Diátese verbal e voz verbal

Desde a antiguidade que se constatou que as situações descritas nas frases podem ser perspectivadas de diferentes formas, sendo este modo de perspetivação das situações denominado, desde então, de diátese (Duarte & Brito, 2003). Assim, uma situação pode ser perspectivada a partir da entidade com o papel temático externo (como em *O Pedro entregou as chaves ao porteiro.*) ou a partir da entidade com o papel temático interno

(como em *As chaves foram entregues ao porteiro pelo Pedro.*). No primeiro exemplo, estamos perante uma diátese ativa, no segundo perante uma diátese passiva.

De acordo com Duarte (2013, p. 431), que recupera a perspectiva de vários estudos internacionais, a noção de diátese diz respeito ao “alinhamento entre os papéis temáticos dos argumentos de um verbo e as funções sintáticas que esses argumentos desempenham numa oração”.

Assim, entende-se que um mesmo predicador verbal pode ser realizado nas estruturas sintáticas de diversas formas, ou seja, as várias diáteses associadas a um predicador dão conta de “situações em que os argumentos temáticos de um predicador passam a ter uma realização sintáctica diferente daquela que é típica desse predicador” (Ribeiro, 2011, p. 44). Estas alternâncias argumentais ou de diátese estão associadas a várias estruturas em uso nas línguas românicas, como, por exemplo, as estruturas passivas, as estruturas decausativas e ativas estruturas reflexas e recíprocas (Ribeiro, 2011).

A relação entre os termos diátese verbal e voz verbal nem sempre tem sido abordada de forma clara nos estudos gramaticais, existindo, ainda assim, a noção, já adiantada em textos de gramáticos portugueses do século XIX, de que a voz verbal corresponderá às várias possibilidades de conceptualização da situação descrita pelo verbo. Por isso, nos textos mais tradicionais aplicados à Língua Portuguesa, é mais comum o uso da designação **voz verbal** do que de **diátese verbal**. Duarte esclarece precisamente esta pluralidade de denominações, ao indicar que “na tradição gramatical luso-brasileira, é o termo “voz” que se utiliza para caracterizar o alinhamento entre papéis temáticos e funções sintáticas característico das orações transitivas ativas [...] das orações passivas e reflexas” (Duarte, 2013, p. 431). Nos parágrafos seguintes explica-se o modo como as estruturas de voz têm sido apresentadas e descritas por diferentes autores. Procura-se ter em consideração autores que representem períodos e perspectivas diferentes, embora todos concentrados nos séculos XX e XXI, dado que se pretende uma análise sincrónica deste tema. Os autores em causa são sumariados na Tabela 2.

Tabela 2: Tratamento da voz verbal em vários trabalhos sobre a Língua Portuguesa (séc. XX e XXI)

Autor e ano	Vozes e respetivos exemplos
Cunha & Cintra (1985)	Voz ativa (<i>Não vejo rosas neste jardim</i>) Passiva analítica (<i>Não são vistas rosas neste jardim.</i>) Passiva sintética (<i>Não se veem rosas neste jardim.</i>)

	Reflexiva (<i>Eu me feri.</i>)
Bechara (1961)	Voz ativa (<i>Eu escrevo a carta.</i>) Passiva (<i>A carta é escrita por mim.</i>) Reflexiva (<i>Eu me visto.</i>)
Duarte (2003)	Voz ativa (<i>O João comprou o jornal.</i>) Voz passiva (<i>Já foram enviados ao júri.</i>) Passivas pronominais (<i>Descobriu-se os genes.</i>) Construções médias (<i>A tua letra lê-se bem.</i>)
Raposo (2013)	Voz ativa (<i>A Ana abriu a porta com a chave.</i>) Voz passiva (<i>O nónio foi inventado por Pedro</i>) Passivas pronominais (<i>Publiquem-se os resultados.</i>) Orações reflexas (<i>Eu vi-me ontem na televisão.</i>)

Fonte: Elaboração própria a partir da consulta das obras referidas.

De acordo com as informações compiladas nesta tabela, a maioria dos autores tidos em conta organizam as construções de voz verbal em três grupos - voz ativa, voz passiva, voz reflexiva -, havendo lugar a algumas especificidades dentro de cada uma delas, como veremos com mais detalhe nas subseções seguintes.

2.3.1 A voz em gramáticas normativas e de referência

Abordamos, neste contexto, as gramáticas *Nova gramática do português contemporâneo* (1985), de Cunha e Cintra, e *Moderna gramática portuguesa* (1961), de Evanildo Bechara.

Segundo Cunha e Cintra (1985), o verbo está na voz ativa quando o fato por ele expresso pode ser representado como praticado pelo sujeito. O verbo está na voz passiva quando o fato por ele expresso pode ser representado como sofrido pelo sujeito. O verbo está na voz reflexiva quando “o fato expresso pelo verbo pode ser representado como praticado e sofrido pelo sujeito” (Cunha & Cintra, 1985, p. 372). De acordo com estes autores, a voz passiva ainda se divide em duas formas: a voz passiva analítica e a voz passiva sintética, a que também se chama passiva pronominal.

Segundo Cunha e Cintra (1985, p. 268), a voz passiva analítica tem a sua estrutura formal constituída com verbo auxiliar seguido de particípio passado do verbo principal, como descrito por Cunha e Cintra:

com o verbo auxiliar *ser* e particípio do verbo que se quer conjugar. Além do verbo *ser*, há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a voz passiva. Estão nesse caso certos verbos que exprimem estado (*estar, andar, viver, etc.*), mudança de estado (*ficar*) e movimento (*ir, vir*).

Já a formação da forma da voz passiva sintética é definida pelos autores deste modo: “Com o pronome apassivador *se* e uma terceira pessoa verbal, singular, ou plural, em concordância com o sujeito.” (Cunha & Cintra, 1985, p. 267). Por exemplo:

Não se vê uma rosa neste jardim.

(Não é vista uma rosa neste jardim.)

Não se vêem rosas neste jardim.

(Não são vistas rosas neste jardim.)

Cunha e Cintra explicam também a voz reflexiva, indicando que a mesma se forma juntando-se às formas verbais da voz ativa os pronomes oblíquos *me, te, nos, vos* e *se* (singular e plural):

Eu feri-me (ou me feri) = a mim mesmo

Tu feriste-te (ou te feriste) = a ti mesmo

Ele feriu-se (ou se feriu) = a si mesmo

Nós ferimo-nos (ou nos ferimos) = a nós mesmos

Eles feriam-se (ou se feriram) = a si mesmos

Para Cunha e Cintra, “o objecto directo da voz activa corresponde ao sujeito da voz passiva; e, na voz reflexiva, o objecto directo ou indirecto é a mesma pessoa do sujeito. Logo, para que um verbo permita transformação de voz, é necessário que ele seja transitivo (Cunha & Cintra, 1985, p. 268.)

Já Bechara (1961, p. 126), define a voz passiva como “a forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere pratica a acção.” Neste

caso, o sujeito diz-se agente de a ação verbal: *Eu escrevo a carta; Tu visitaste o primo; Nós plantaremos a árvore.*

Bechara refere que a voz passiva é uma forma especial de verbo, indicando que alguém recebe a ação. O autor afirma que:

Voz passiva é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação: *Ele foi visitado pelos amigos; Alugam-se bicicletas.* Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo: *Os criminosos recebem o merecido castigo.* (Bechara 1961, p.127)

De acordo com Bechara, a passiva “pode ser analítica (formada com um dos verbos *ser, estar, ficar* seguido de partícula) ou pronominal (formada com verbo acompanhado do pronome oblíquo *se*, que se chama, no caso, pronome apassivador)”. Por exemplo:

A casa foi alugada. (passiva analítica)

Aluga-se a casa. (passiva pronominal)

Bechara (1961, p. 221) afirma que voz reflexiva é a “forma verbal que indica que a pessoa é ao mesmo tempo, agente e paciente da ação verbal”, formada de verbo seguido de pronome oblíquo de pessoa igual àquela a que o verbo se refere, dando como exemplos:

Eu me visto

Tu te feriste.

Ele se enfeita.

Este autor dá ainda mais detalhes a respeito da voz reflexiva e do uso do “pronome” *se*, ao afirmar:

Reflexiva: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação de transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de “passividade com *se*” e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual àquele a que o verbo se refere: *eu me visto, tu te feriste, ele se enfeita.* (Bechara, 1961, p. 222-223)

Desta afirmação destaca-se que Bechara considera que a interpretação associada a várias estruturas em que ocorre a partícula *se* é definida em função do contexto em que a mesma se encontra e da relação que mantém com o verbo a que se associa. É ainda interessante ter em conta que Bechara assume claramente as estruturas reflexivas como não transitivas, no sentido em que a ação verbal “não passa a outro ser”.

Este autor procura ainda explicar as diferenças entre as passivas (no sentido de passivas perifrásticas) e as passivas reflexivas, afirmando que

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos: 1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de 'apassivador'). 2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa: *Eu fui visitado pelos parentes. Aluga-se a casa* (não se diz: *aluga-se a casa pelo proprietário*). (Bechara, 1961, p. 223)

2.3.2 A voz nas novas análises linguísticas do Português

Nas novas propostas de análise linguística aplicadas à Língua Portuguesa não há muitas alterações, no que respeita à apresentação das vozes verbais, relativamente ao que se afirmava nas chamadas gramáticas normativas. No entanto, nestes textos mais recentes, como os de Duarte (2003) e Duarte (2013), há uma descrição mais detalhada destas construções.

Assim, é importante compreender, inicialmente, a estrutura subjacente às orações transitivas ativas, nas quais, segundo Duarte (2013, p. 431), “a ação de um agente, expressa pelo verbo, transita para a entidade representada pelo argumento interno: paciente, paciente afetado, e tema [...]”. Nestas estruturas, continua a autora, “o argumento externo com o papel de agente é tomado como ponto de partida para a descrição da situação, pelo que é alinhado com a função sintática de sujeito; por sua vez, o paciente ou tema é alinhado com a função sintática de complemento direto” (Duarte, 2013, p. 431).

Já nas orações passivas, não se respeita este alinhamento, que “pode ser ignorado para obter uma estrutura temática e informacional diferente” (Duarte, 2013, p. 434).

correspondente, a relação gramatical de sujeito; (iii) existe constância de papel temático entre sujeito da passiva e objecto directo da activa correspondente e entre sintagma por e sujeito da activa correspondente; (iv) ocorre na passiva uma forma do auxiliar ser, ausente da activa correspondente, seguida de uma forma participial; (v) a forma participial presente na passiva concorda em género e número com o sujeito (Duarte, 2003, p. 522)

Na Tabela 3 refletem-se estas orientações de Duarte (2003).

Tabela 3: A perspectiva de Duarte (2003) relativamente à estrutura das orações passivas e à relação com as orações ativas correspondentes.

Ativa	Sujeito	Objeto directo	
Passiva	Sintagma <i>por</i>	Sujeito	auxiliar <i>ser</i> + forma participial (que concorda, em género e número, com o sujeito)

Fonte: Elaboração própria a partir de Duarte (2003)

A explicação das estruturas passivas apresentada em Duarte (2013) é próxima da anteriormente referida, explicando a autora que:

o sintagma nominal com a função sintática de complemento directo na oração activa tem a função sintática de sujeito na passiva correspondente, introduzido pela preposição de valor agentivo *por* tem a função sintática de agente da passiva; na oração passiva, o verbo auxiliar *ser* ocorre no mesmo tempo e modo do verbo pleno da oração activa correspondente e ocorre na oração passiva com participio passado e concorda em número e género com o sujeito. (Duarte, 2013, p. 436)

Afirma Duarte (2013) que quando as passivas se estruturam em torno de um grupo verbal complexo iniciado pelo verbo auxiliar *ser* seguido de um participio com estatuto

verbal correspondente ao verbo pleno da oração ativa, estas orações passivas podem chamar-se passivas perifrásticas.

Além destas passivas sintáticas ou perifrásticas, existem em Português passivas de *se*, a que se chama também, na tradição gramatical, passivas pronominais ou passivas reflexas, como nos exemplos abaixo:

Os artigos publicaram-se propositadamente no último número da revista.

O canivete usou-se para cortar o pão.

Nas passivas de *se*, segundo Duarte (2013, p. 444), “o constituinte interpretado como argumento interno direto do verbo tem a relação gramatical de sujeito, como se pode ver pelo facto de ser ele que controla a concordância verbal”, como se constata nos exemplos:

Esse artigo publicou-se no último número da revista.

Os três canivetes usaram-se para cortar o pão.

Segundo Duarte (2003, p. 531), nas frases passivas de *se*, o argumento interno direto deve ter as características da terceira pessoa gramatical, o que não se verifica nas passivas sintáticas, cujo argumento interno pode ter características de qualquer pessoa gramatical. Duarte esclarece que “nas orações pronominais, o verbo ocorre sempre na 3.ª pessoa e concorda em número com o argumento interno alinhado com a função sintática de sujeito”, por exemplo:

O raciocínio algébrico ensina-se propositadamente na escola.

As obras mais recentes publicaram-se numa editora espanhola para garantir maiores tiragens.

Como explica Duarte (2013, p. 444-445), “enquanto nas orações passivas verbais curtas perifrásticas a diátese passiva é expressa através da combinação do verbo auxiliar *ser* e do particípio de um verbo pleno transitivo, nas orações [passivas de *se*] a diátese passiva é expressa através do pronome átono de 3.ª pessoa *se*, sem qualquer verbo auxiliar ou morfologia verbal especial no verbo pleno”. Por outro lado, nas passivas de *se* não é possível a presença do agente da passiva.

Nestas frases de passivas de *se* podemos constatar, segundo Duarte (2013), que o papel temático externo está presente, mas este agente ou causador recebe uma interpretação arbitrária, não podendo estar expresso na frase. Ou seja, segundo a autora, “as orações passivas pronominais partilham com as passivas verbais curtas [aquelas que não exibem sintagma-*por*] um traço de indeterminação quanto ao referente do argumento

externo”, (Duarte, 2013, p. 445), havendo uma espécie de incerteza quanto ao iniciador/espoletador da ação referida.

A autora ainda chama a atenção para o facto de que as passivas de *se* com formas verbais na 3.ª pessoa do singular podem ser âmbguas entre uma interpretação passiva e uma interpretação de sujeito indeterminado, como se constata pelos exemplos que a própria adianta:

Descobriu-se uma fuga no reactor nuclear.

Interpretação: *Foi descoberta uma fuga no reactor nuclear.*

Alguém descobriu uma fuga no reactor nuclear.

Assaltou-se uma carrinha de transporte de valores.

Interpretação: *Foi assaltada uma carrinha de transporte de valores.*

Alguém assaltou uma carrinha de transporte de valores.

Neste contexto, Duarte também inclui uma explicação referente às chamadas orações impessoais, que são aproximáveis das passivas de *se*, e que ocorrem em situações como as dos exemplos abaixo:

Diz-se que esse ministro vai ser demitido.

Incorre-se frequentemente nesse erro.

Morria-se de sarampo no princípio do século passado.

As frases acima chamam-se orações de *se* impessoal, têm características semânticas de incerteza ou de indeterminação, afirmando Duarte (2013, p. 445) que

o traço de indeterminação comum às orações passivas pronominais e às orações ativas com *se* impessoal leva a que, em frases com um verbo transitivo e um argumento interno com os traços de 3.ª pessoa e singular, haja ambiguidade sistemática entre uma interpretação passiva e uma interpretação ativa com sujeito de referência indeterminada.

Orações desse tipo também são chamadas orações de sujeito indeterminado.

Numa tentativa de esclarecer as diferenças entre estas duas construções – orações de *se* impessoal e orações passivas de *se*, a autora esclarece que o verbo das estruturas de *se* de sujeito indeterminado tem apenas uma conjugação singular na terceira pessoa, enquanto a voz passiva de pronome pode ser singular ou plural; o verbo da oração de *se* impessoal pode ser um verbo transitivo ou intransitivo, mas na voz passiva pronominal ocorrem exclusivamente verbos transitivos. Comparem-se os usos seguintes:

Vive-se bem neste país. Esta frase é oração de *se* impessoal.

Serviram-se muitos pratos durante o jantar. Esta frase é passiva com pronome *se*.

Nas aulas de português, só se fala português. Esta frase é oração de *se* impessoal

Ensinam-se mais de trinta línguas estrangeiras na nossa universidade. Esta frase é passiva com pronome *se*.

Mas, às vezes, existem situações em que ambas as leituras são possíveis, ou seja, a mesma oração pode ser entendida como uma voz passiva de pronome e também uma oração de *se* impessoal. Tal acontece em frases como:

Construiu-se um novo complexo desportivo na escola.

Pode entender-se como: *Foi construído um novo complexo desportivo na escola.* Mas também se pode ler como: *As pessoas construíram* ou *alguém construiu um novo complexo desportivo na escola.*

Adicionalmente, Duarte (2003, p. 536), ao tratar as construções de alternância argumental com *se*, aborda ainda as chamadas construções médias, referindo que as mesmas “partilham propriedades que caracterizam a variante inacusativa dos verbos de alternância causativa e as passivas sintáticas e de *se*”. Dão alguns exemplos.

A tua letra lê-se bem.

O João lê (bem) a tua letra.

Este tipo de tecido lava-se facilmente.

Lavo (facilmente) este tipo de tecido.

Podemos observar que os verbos nas frases acima são verbos transitivos, têm de seleccionar um argumento externo e um argumento interno direto, mas nas construções médias ocorre apenas o argumento nominal com o papel temático interno. Nas construções médias, “o argumento interno tem a relação gramatical de sujeito, sendo substituído pela forma nominativa do pronome pessoal e determinando a concordância verbal.” (Duarte, 2003, p. 536). Vejam-se alguns exemplos:

Esta camisa lava-se bem.

A tua letra lê-se facilmente.

Também associadas às diferentes possibilidades de realização da estrutura argumental de um verbo estão as chamadas orações reflexas. Para o Duarte (2013), na transição entre a estrutura transitiva, onde dois argumentos têm presença plena na frase, e a estrutura

intransitiva, onde apenas um argumento é selecionado e se apresenta na materialização frásica, encontramos um estádio intermédio, em que os argumentos externo e interno representam as mesmas entidades extralinguísticas, ou seja, estão inter-relacionados (Duarte, 2013, p. 448). Por exemplo:

O João feriu-se para fugir à guerra.

Tu vês-te ao espelho dez vezes por dia.

Em cada uma destas frases, os dois argumentos, embora com papéis temáticos distintos, apontam para o mesmo referente. Segundo Duarte (2013), a este alinhamento entre papéis temáticos e funções sintáticas chama-se diátese reflexa. Os verbos usados em orações reflexas têm sempre pronomes reflexos (*me, te, se, nos, vos*), que são, em Português, os marcadores de reflexividade por excelência, concordando em pessoa e número com o argumento que tem a função sintática de sujeito” (Duarte, 2013, p. 448). Este pronome reflexo tem como referente a mesma entidade associada ao sujeito. Portanto, o pronome reflexo e o substantivo ou pronome a que se refere formam uma relação de referência mútua, que se reflete de forma consistente na transmissão de marcas de pessoa, género e número.

III. Materiais didáticos para ensino-aprendizagem de PLE

Como veículo principal de conteúdo de ensino e disseminação de conhecimento, o livro didático tem impacto direto no progresso e na qualidade do ensino universitário (Han, 2018). Entende-se, assim, na China, que o ensino em universidades deve estar atento à construção de materiais didáticos, para que estes possam melhor servir a melhoria dos padrões de ensino. Neste capítulo, analisaremos principalmente a importância dos materiais didáticos para aprender uma Língua Estrangeira (LE), discutiremos como professores e estudantes da China usam os materiais didáticos e os problemas que enfrentam. Ao mesmo tempo, este capítulo também mencionará o papel e uso dos conteúdos gramaticais no ensino-aprendizagem de PLE.

3.1 A importância dos manuais para a aquisição de uma LE

Segundo o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR)¹, “a competência comunicativa compreende as seguintes componentes: competências linguísticas; competências sociolinguísticas; competências pragmáticas” (Ministério da Educação, 2001, p. 156). Por sua vez, as competências linguísticas incluem a competência lexical, a gramatical, a fonológica, a ortográfica e a ortográfica. Portanto, acreditamos que o trabalho didático-metodológico, sendo realizado a partir do QECR, deverá assumir a competência gramatical como uma competência linguística, que deve ser combinada com outras competências, como a sociolinguística e a pragmática, para formar a competência comunicativa (Ministério da Educação, 2001, p. 34).

Com este enquadramento em mente, neste trabalho abordamos a importância de selecionar ou produzir materiais didáticos que, sendo consistentes com os objetivos de ensino do currículo da LE a ser desenvolvido, considerem as especificidades culturais dos aprendentes. De entre os diversos materiais didáticos, enfatizamos a importância dos manuais e gramáticas de LE, que geralmente são os mais utilizados pelos professores na sala de aula.

¹ O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), documento idealizado pelo Conselho de Europa (CoE) e elaborado por especialistas em ensino de línguas estrangeiras, propõe um modelo comum para a preparação de programas de ensino de línguas, orientações curriculares, exames e critérios de avaliação, materiais didáticos, manuais, etc. em toda Europa. Nesse sentido, o QECR estabelece as bases comuns para a descrição de objetivos e conteúdos na elaboração de programas de ensino de línguas, assim como os aspectos metodológicos que subjazem esses parâmetros. Mediante o estabelecimento de critérios objetivos, descreve os diferentes níveis de domínio da língua. Estes níveis têm sido usados como referência para elaboração de materiais didáticos de línguas europeias. De fato, hoje a maioria dos livros didáticos de Português como Língua Estrangeira seguem os níveis comuns de referência (A1, A2, B1, B2, C1 e C2) para a progressão do processo de aprendizagem (CONSELHO DA EUROPA, 2001).

Por isso os manuais de LE, para além de deverem ter em conta orientações e padrões curriculares, deverão, também, expor os estudantes a situações reais de uso, de modo a incentivar o desenvolvimento articulado da competência linguística, da competência pragmática e da competência sociolinguística. A este respeito, Tomlinson (2001) afirma que “the materials should: expose the learners to language in authentic use; help learners to pay attention to features of authentic input; provide the learners with opportunities to use the target language to achieve communicative purposes; provide opportunities for outcome feedback; Achieve impact in the sense that they arouse and sustain the learners’ curiosity and attention; stimulate intellectual, aesthetic and emotional involvement” (Tomlinson, 2001, p. 46).

Como Almeida (1994, p. 44) afirmou, os materiais didáticos são considerados “codificações de experiências potenciais com uma língua-alvo organizadas em unidades de trabalho”. Os materiais didáticos são capazes de explicar conceitos, regras, tópicos e ajudar a praticar capacidades orais e escritas, podendo atingir este objetivo por meio de uma variedade de atividades organizadas dentro e fora da sala de aula.

Como sublinham Gileno (2013, p. 17), apesar de os livros didáticos serem muito importantes no ensino-aprendizagem de uma língua, no entanto, estes não são o único modo que pode ser utilizado em sala de aula: o professor pode ensinar com recurso a sebatas, compilações de materiais impressos de diversas proveniências, documentos multimédia, materiais visuais ou sonoros, recortes de jornais, peças jornalísticas, etc. Segundo Tomlinson (2001, p. 66, citado por Gileno, 2013), “os materiais didáticos podem ser linguísticos, visuais, auditivos, cinestésicos e podem ser veiculados em diferentes formas (impressos, cassetes, CD-ROMs, DVDs, ao vivo, etc.).”

Os livros didáticos, como uma ferramenta educativa importante, devem ajudar os alunos a resolver dificuldades, melhorar as suas competências, e, finalmente, obter melhores resultados nas avaliações. No entanto os professores também podem usar outros métodos para ensinar, além dos livros didáticos, pois “o LD [livro didático] não é suficiente para abordar todos os aspectos que se encontram inseridos no complexo processo de ensinar/aprender uma LE no contexto contemporâneo e humanista” (Rozenfeld & Viana, 2006, p. 5). Aliás, estes autores acreditam que os professores podem (e devem) ajustar adequadamente o conteúdo dos livros didáticos de acordo com os cenários de ensino, referindo que o professor deverá “adaptá-lo às situações de ensino, excluir partes, incluir outras”, de modo a que “de fato ele sirva de “apoio” e que seja um “facilitador” na mediação entre o aluno e a língua/cultura-alvo” (Rozenfeld & Viana, 2006, p. 7).

Em alguns casos, o livro didático é a fonte da maior parte da linguagem com que os alunos contactam e a origem e guia da prática linguística tal como ocorre na sala de aula. Por isso, o livro didático possui um certo grau de autoridade e fornece um plano sistemático, o que pode ajudar os professores a economizar tempo dedicado à criação de materiais de ensino, para que possam concentrar-se em mais questões sobre as suas práticas.

Embora o livro didático seja a ferramenta mais usada na sala de aula, ainda existem algumas deficiências e limitações. Segundo Richards (2001, p. 3), uma destas limitações surge quando os textos são criados para fins pedagógicos, sem compromisso em retratar o uso real da língua, e recorrendo a uma visão idealizada da mesma. Além disso, se não forem considerados os objetivos de aprendizagem dos diferentes alunos, o livro didático pode não refletir ou responder às respectivas necessidades. Estes autores também mencionam que, por vezes, os livros didáticos tendem a responder aos interesses de editoras e autores, ao invés de responder às necessidades dos alunos, por serem produtos comerciais com fins lucrativos.

Face a estas questões, os professores, servindo de mediadores entre a língua-alvo e os alunos, devem fazer uma análise crítica dos materiais a serem utilizados, repensando o modo como abordam determinados conteúdos didáticos, de modo a torná-los mais adequados e, sobretudo, mais motivadores. O livro didático (LD) de LE deve atender a vários critérios, como os de de Cunningsworth (1995), citados por Richards (2001, p. 4, tradução nossa):

1. O LD deve corresponder às necessidades dos alunos. Os objetivos do LD devem estar articulados ao programa de ensino-aprendizagem;
2. O LD deve refletir os usos (presente e futuro) que os alunos fazem/farão da língua; o LD escolhido deve ajudar os alunos a usarem a língua efetivamente para suas próprias finalidades;
3. O LD deve levar em conta as necessidades dos aprendizes e facilitar o processo de aprendizagem, sem impor um método de forma dogmática;
4. O LD deve ter um objetivo claro como suporte de aprendizagem. Assim como os professores, ele serve de mediador entre a língua alvo e o aprendiz.

3.2 O ensino-aprendizagem de Português na China e os materiais didáticos em uso

Desde que o Beijing Broadcasting Institute (agora Universidade de Comunicação da China) abriu o *major* Português na década de 1960, o desenvolvimento do ensino-aprendizagem do Português na China continental tem vindo a consolidar-se (Li, 2012). A consolidação do ensino do Português na China tornou-se ainda mais evidente nas últimas décadas: com efeito, o número de universidades que oferecem cursos de Língua Portuguesa aumentou de 5 em 2006 para 23 em 2016. Estes dados não incluem as universidades não licenciadas, se estas forem incluídas, existem cerca de 30 universidades que oferecem cursos de licenciatura em Português.

Ye (2014) apontou, em *O Status Quo do Desenvolvimento do Português na China*, que a rápida expansão das licenciaturas de Língua Portuguesa nas universidades chinesas é acompanhada principalmente pelos seguintes dois grandes problemas: o primeiro é a escassez de professores, mais precisamente a falta de recursos docentes de elevada qualidade. Em segundo lugar, os materiais didáticos em/sobre a Língua Portuguesa são insuficientes. Assim, embora existam vários tipos de cursos da Língua Portuguesa, estes sem sempre estão equipados com os materiais didáticos necessários, o que constitui um desafio grande para os professores, muitas vezes eles próprios com experiência e qualificação académica insuficientes.

No trabalho de Cui (2012) afirma-se precisamente que ainda existe uma lacuna no estudo do Português na China, que envolve principalmente a produção e utilização de materiais didáticos. Em comparação com o número e tipos de materiais de ensino de outras línguas na China, o número de manuais didáticos na área do ensino do Português é muito pequeno. O autor enfatiza a necessidade de utilizar recursos adequados aos objetivos do ensino para garantir a aprendizagem do Português e da sua cultura. Também destaca a falta de compreensão dos professores sobre os padrões usados na seleção e produção dos materiais didáticos.

A compilação dos materiais didáticos para os estudantes chineses presta atenção à possibilidade de aplicação à maioria dos estudantes e à maioria das escolas. Segundo o texto de Huang (2015), a escolha do conteúdo dos livros didáticos deve atender aos requisitos dos padrões curriculares, refletir as características do desenvolvimento físico e mental dos alunos e refletir as necessidades de desenvolvimento da sociedade, política, economia e tecnologia.

Paralelamente, a seleção dos manuais reflete o progresso social contemporâneo e o desenvolvimento tecnológico, reflete a tendência de desenvolvimento de várias disciplinas, presta atenção à experiência dos alunos e fortalece a conexão entre o conteúdo do curso e a vida social. Ao mesmo tempo, o conteúdo dos livros didáticos é constantemente ajustado e atualizado com as necessidades do desenvolvimento da época. O conteúdo do material deve ser claramente estruturado; a expressão deve ser concisa, precisa, vívida e fluente; a extensão deve ser adequada. O título e a conclusão devem ser marcados com fontes ou símbolos diferentes para torná-los claros e fáceis de entender. Capas, gráficos, ilustrações, etc., devem ser claros. O tamanho da fonte deve ser suficiente e a encadernação deve ser firme o suficiente para ser fácil de transportar (Wang, 2017).

Para os estudantes universitários, e dada a dificuldade associada ao nível de estudos em que se encontram, é difícil aprender bem apenas com livros e com a aprendizagem em sala de aula, portanto, são necessárias gramáticas para complementar. A escolha dos manuais e gramáticas deve ser baseada nas condições que envolvem o estudo da língua, visando os níveis inicial, intermédio e avançado de aprendizagem.

No que respeita especificamente aos aprendentes de PLE na China, é também de referir que a maioria, com exceção dos de Macau, estuda Português num ambiente em que não se usa Português como língua de interação quotidiana. A exposição direta à língua acaba por se verificar apenas algumas horas por dia, alguns dias por semana, sendo por isso mais difícil a aquisição e consolidação das estruturas da língua (Liu, 2017). Nesse ambiente de aprendizagem, a maioria dos estudantes chineses depende do uso dos materiais didáticos e gramáticas para mediar o contacto com a LE.

De outra perspetiva, conforme refere Wang (2017), para que os aprendentes de PLE possam desenvolver e aprofundar as suas competências linguísticas em Português, é necessário promover um estudo aprofundado de tópicos gramaticais específicos e descobrir as principais dificuldades manifestadas pelos alunos a este nível. Neste contexto, aprender gramática ajudar aos alunos a encontrar as regras da expressão em Português.

Com base na situação especial de desenvolvimento dos cursos de Português nas universidades, têm sido desenvolvidos alguns trabalhos de análise dos materiais didáticos em uso neste contexto. Por exemplo, o trabalho desenvolvido por Tang (2015) tornou claro que os livros didáticos de Português usados por faculdades e universidades apresentam várias deficiências em termos de interação, sendo especialmente lacunares nas estratégias para orientar os alunos a interagirem depois da aula, ou a incentivar os mesmos a aprenderem interativamente com base nos recursos disponíveis em rede. De acordo com este trabalho,

também faltam conselhos e ajuda para que os professores possam otimizar a organização das aulas.

Para os estudantes chineses, como para quaisquer outros estudantes de uma LE, as quatro capacidades básicas de *ouvir, falar, ler e escrever* devem ser tidas em conta para o desenvolvimento das suas capacidades de comunicação em Português. É claro que, ao treinar essas quatro capacidades, os alunos devem dominar alguns conhecimentos de gramática relevantes. Com efeito, o conhecimento gramatical necessário promoverá bastante essas quatro capacidades. É difícil imaginar que um estudante que não conheça as estruturas básicas da gramática portuguesa possa falar Português autêntico, possa ler artigos em Português e/ou escrever nesta língua.

3.3 A gramática no ensino-aprendizagem de PLE

A competência gramatical é determinante no desenvolvimento da capacidade comunicativa. Ao mesmo tempo, a capacidade comunicativa é a prática e o objetivo final da capacidade gramatical. A prática de ensino mostra que, sem conhecimentos básicos da gramática, é difícil promover a capacidade de comunicação dos alunos. Sem a capacidade linguística como base, a competência comunicativa torna-se uma árvore sem raízes. Logo, a aprendizagem da Língua Portuguesa sem uma boa base de gramática será menos eficaz.

De forma simples, e numa perspetiva de pendor mais tradicional, entende-se que a Gramática designa um conjunto de regras que regem o uso de uma língua, especialmente o modo como as unidades são combinadas entre si para formar unidades maiores. Todos os idiomas e suas variantes, dos modos padrão às variantes não padrão, têm suas próprias gramáticas.

Assim, de um modo geral, a gramática refere-se às regras usadas pelos utilizadores de uma língua na utilização dessa mesma língua. No que concerne à língua materna, segundo Madeira (2017, p. 308), a maior parte do conteúdo da gramática é aprendido através de processos subconscientes, sendo o processo de aquisição de um dado idioma praticamente concluído ainda na infância. Contrariamente, a maior parte da aprendizagem de uma LE, sobretudo após este período, requer mais orientação e assistência externa.

Na realidade, ao contrário dos falantes nativos, os estudantes de outros países não usam a língua em causa de forma espontânea e carecem de orientações específicas sobre o idioma, mesmo num ambiente imersivo. Neste caso, a gramática desenvolve uma interlíngua

consciente entre os estudantes, o que possibilita o diálogo entre a língua-alvo e a língua materna, ou seja minimiza o afastamento entre diferentes línguas.

Várias têm sido as dúvidas relativamente ao ensino implícito ou explícito da gramática no processo de ensino-aprendizagem de uma LE (Cook, 2008). Com efeito, há autores que priorizam abordagens centradas no sentido, maioritariamente ancoradas em contextos imersivos e na aprendizagem por tarefas (Ellis, 2006) e outros, como Norris e Ortega (2000), que defendem que o ensino explícito da gramática é preferível.

Numa abordagem mais tradicional do ensino das línguas estrangeiras, “competia ao professor determinar, ou defender, as regras de bom uso da língua a ser seguidas por aqueles que queriam falar corretamente” (Querido, 2021, p. 325): aprender uma língua significava, sobretudo, aprender a sua gramática e o *modus dicendi*. Nesta perspetiva, “saber a gramática de uma língua significava ser linguisticamente competente nessa língua. Foi o que aconteceu durante muito tempo e, mais ou menos subtilmente, ainda acontece no ensino de línguas: ensinavam-se apenas regras gramaticais de uma língua, formando alunos que tinham dificuldades em comunicar na língua estudada” (Querido, 2021, p. 325).

No contexto de aprendizagem de uma LE, a gramática deve ter um papel orientador, com efeito positivo na prática da linguagem, não devendo ser perspetivada como algo castrador ou limitador. Querido (2021, p. 329) alerta-nos a este respeito, dizendo: “não se negue, atualmente, a relevância do ensino de gramática nas aulas de LE – no caso, a portuguesa –, já que não ensinar gramática é um equívoco no ensino comunicativo de línguas”. A mesma autora reconhece, ainda, que, por vezes, no contexto do ensino do PLE, “a gramática é ensinada de forma isolada e descontextualizada, tornando difícil, aos estudantes, aplicarem o que aprenderam em situações reais” (2021, p. 329), indicando que tal abordagem deve ser substituída por uma em que “o ensinamento gramatical deve sempre envolver – por vezes, abarcar – a associação de um ponto gramatical ou estrutural” a “três outros aspetos da linguagem: 1) fatores sociais; 2) fatores semânticos; 3) fatores discursivos”. Os primeiros dizem respeito ao modo como os interlocutores se relacionam e aos seus objetivos comunicativos, os segundos envolvem o significado e os terceiros dão conta das estratégias usadas para a organização das proposições (Querido, 2021).

Para tal, deve apostar-se no estudo da língua atendendo às suas condições reais de uso, a fim de proporcionar aos alunos o conhecimento e o domínio das diferentes formas de comunicação, incluindo os diferentes tipos de texto existentes, ao invés de se restringir apenas a produções que reproduzam as normas culturais e gramaticais. Assim, no “final do processo”, os alunos poderão adaptar a sua produção linguística à situação que estão a viver.

Independentemente da opção de cada instituição ou de cada docente, é importante ter em conta que no ensino do PLE não se deve ensinar gramática da mesma forma que se ensina com falantes nativos; esse tipo de abordagem baseia-se num uso da língua que não é familiar para as pessoas que a utilizam, e, não sendo convenientemente adaptado, fará com que o estudante entenda a língua como uma estrutura artificial abstrata.

Infelizmente, a realidade do ensino de PLE na China parece ser um pouco diferente, começando-se muitas vezes pelo ensino da gramática e depois pelos vários usos da língua, quando isso acontece, porque, na maioria das vezes, o ensino do Português limita-se mesmo ao ensino das regras gramaticais. Alguns professores acham que aprender Português é aprender gramática portuguesa, e aprender gramática portuguesa é equivalente a aprender Português. Sob esta orientação ideológica, alguns professores despendem a maior parte do seu tempo e energia no ensino, análise e prática do conhecimento gramatical, transformando o estudo da Língua Portuguesa em pontos entediantes, dividindo-o em pedaços, ou mesmo transformando-o em investigação gramatical. Como alerta Bagno (1999, p.107-108):

Esse ensino [...] em vez de incentivar o uso das habilidades linguísticas do indivíduo, deixando-o expressar-se livremente para somente depois corrigir sua fala ou sua escrita, age exatamente ao contrário: interrompe o fluxo natural da expressão e da comunicação com a atitude corretiva (e muitas vezes punitiva) cuja consequência inevitável é a criação de um sistema de incapacidade, de incompetência.

Portanto, no ensino da Língua Portuguesa, os professores não podem apenas pretender que os alunos consigam usar adequadamente a língua mediante o ensino exclusivo da gramática. Como indica Antunes (2007, p. 80):

O diálogo, a conversa, a escuta de historinhas, os relatos, as justificativas é que devem preencher as situações orientadas para o desenvolvimento específico da linguagem. Além disso, a leitura de bons textos, cheios de interesses, de graça ou poesia e de encantamento é o melhor caminho para levar a criança a descobrir um sentido para a linguagem, para a escrita e os meios em que ela circula (livros, jornais, revistas, faixas, cartazes, meios eletrônicos, etc.

Assim, é importante que o professor tenha uma posição flexível e que consiga adaptar a sua maneira de trabalhar às características e necessidades de cada turma. Como refere

Querido, “equacionando-se os inúmeros fatores envolvidos no processo de ensino/aprendizagem, os professores têm de procurar e encontrar alternativas credíveis para sanarem conflitualidades, tanto reais como aparentes, nas situações de incongruência com se deparam que no dia-a-dia, opções que podem e devem ser “negociadas” (2021, p. 337).

No próximo capítulo, estudaremos especificamente a maneira como a voz verbal, especialmente a voz passiva, é trabalhada em diferentes manuais e gramáticas de PLE usados na China, refletindo, posteriormente, a respeito das opções seguidas nas várias obras e do modo como as mesmas potenciam, ou não, uma apropriação motivada, consciente e crítica dos conteúdos em questão.

IV. A voz verbal em materiais didáticos usados pelos estudantes chineses no estudo de PLE

A maneira como a voz verbal, especialmente a passiva, é tratada nas aulas pode diferir em certa medida, dependendo das características dos professores, do contexto de ensino (características da instituição de ensino, por exemplo), mas também do modo como os conteúdos são explicitados nos materiais em uso. Na China, professores com estilos de trabalho diversos estão a ensinar Língua Portuguesa, influenciados pelas suas opções didático-pedagógicas e pelas características das próprias instituições em que trabalham. No entanto, todas as escolas universitárias na China são oficialmente obrigadas a utilizar livros didáticos autorizados pelo governo, aos quais se podem acrescentar outros livros de referência sugeridos por cada universidade. Portanto, até certa medida, é possível verificar o que é ensinado e enfatizado nas aulas de Português na China, examinando os exercícios, bem como os textos apresentados nos livros autorizados e outros recomendados e também usados pelos estudantes durante o seu percurso de aprendizagem desta Língua. Assim, poderemos tentar perceber qual (quais) a(s) abordagem(ens) adotada(s) nestes materiais didáticos, de modo a, eventualmente, propor soluções alternativas, que assegurem um maior relacionamento entre o ensino deste conteúdo gramatical e o desenvolvimento global da competência comunicativa em Língua Portuguesa.

Na impossibilidade de analisar detalhadamente todos os materiais didáticos em uso no ensino de PLE na China, o presente trabalho analisa alguns materiais (manuais e gramáticas) autorizados no contexto do ensino desta Língua na China, assumindo-se que os mesmos poderão ser representativos dos materiais didáticos disponíveis neste país. A presente dissertação trata os materiais didáticos identificados, por ordem alfabética, na Tabela 4.

Tabela 4: Materiais didáticos analisados neste trabalho.

Título	Autores	Ano de publicação	Nível de proficiência	Local de publicação
<i>Aprender Português 2</i>	Oliveira <i>et al.</i>	2007	<i>Nível B1</i>	Portugal
<i>Aprender Português 3</i>	Oliveira <i>et al.</i>	2007	<i>Nível B2</i>	Portugal

<i>Exercícios E Notas Gramaticais</i>	Dias.	1993		Portugal
<i>Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros</i>	Oliveira et al.	2007	<i>Nível A1, A2, B1</i>	Portugal
<i>Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros,</i>	Oliveira et al.	2014	<i>Nível B2 e C1</i>	Portugal
<i>Gramática da Língua Portuguesa</i>	Wang.	1996		China
<i>Português XXI – Livro do Aluno 2</i>	Tavares.	2004	<i>Nível B2</i>	Portugal
<i>Português Para Ensino Universitário 2</i>	Ye.	2010	<i>Nível B2</i>	China
<i>Vamos Lá Continuar</i>	Rosa.	2003	<i>Nível Intermédio e Avançado</i>	Portugal

Fonte: Elaboração própria.

A fim de revelar como as vozes verbais são apresentadas nestes materiais didáticos, este capítulo inclui referência aos contextos em que, em cada obra selecionada, se faz menção à voz verbal. Para tal, inicialmente, recorreu-se ao índice de cada obra, para identificar a(s) unidade(s) em que este conteúdo é trabalhado. Posteriormente, foi necessário investigar as várias unidades em que ocorrem referências à voz, para conhecer com mais detalhe as opções seguidas em cada material didático em apreço. Na Tabela 5 indicam-se os contextos em que, em cada obra em apreço, há menção a vozes verbais. Apresentam-se primeiramente as gramáticas e, de seguida, os manuais selecionados para análise.

Tabela 5: Unidades das obras em análise nas quais se faz menção à voz verbal

Materiais didáticos	Unidade	Voz verbal referida	Exemplos fornecidos
<i>Exercícios E Notas Gramaticais</i> (Dias, 1993)	G	Voz passiva	(<i>O almoço está feito; Este quadro foi pintado pelo João...; A cidade foi transformada...</i>)
<i>Gramática da Língua Portuguesa</i> (Wang, 1996)	14 e 20	Voz ativa Voz passiva Voz reflexiva Agente da passiva	(<i>Vejo uma nuvem do céu; O tigre foi levantado pelo caçador; Não se vê nenhuma nuvem no céu; A escola fundou-se...</i>)
<i>Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível A1, A2, B1</i> (Oliveira et al., 2007)	20 e 21	Passiva com o verbo <i>ser/estar</i> Partícula passivante <i>se</i>	(<i>...foi mordido pelo cão do...; O jantar está feito; A sala é pintada pelo...; O carro foi lavado pelo...; Os livros eram lidos pela...; ... tinha sido...; Vende-se apartamentos....</i>)
<i>Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível B2 e C1</i> (Oliveira et., 2014)	31	Voz passiva	(<i>A praça foi ocupada pela...; A obra está concluída; A piscina foi construída...; ... já foi acesa; A janela está fechada...)</i>
<i>Vamos Lá Continuar</i> (Rosa, 2003)	Tempos e Modos Verbais	Voz ativa Voz passiva	(<i>A canção foi cantada pela ...; A roupa está seca; O bolo ficou feito...; Tudo isto foi feito por...</i>)
<i>Aprender Português 2 – Nível B1</i> (Oliveira et al., 2007)	8	Estrutura verbal: voz ativa/ voz passiva	(<i>...que conseguiu salvar antes de ser atropelada pelo carro...; Pensa-se que...</i>)

<i>Aprender Português</i> 3 – Nível B2 (Oliveira et al., 2007)	0	Voz passiva	(Esta cidade foi fundada por ...; foram encontrados muitos...)
<i>Português XXI – Livro do Aluno 2</i> (Tavares, 2004)	8	Voz passiva	(Os assaltantes foram apanhados; Foram presos...)
<i>Português Para Ensino Universitário</i> 2 (Ye, 2010)	2 e 6	Voz do verbo Voz passiva com auxiliar Voz passiva com pronome apassivador	(Os trabalhos foram feitos; ... está a ser construída pelos ...; A porta foi aberta...)

Fonte: Elaboração própria.

Estes materiais seguem uma estrutura similar para apresentação da voz verbal, incluindo, praticamente em todos os casos, um texto para esboçar o tópico, apresentação do tópico gramatical (parte informativa), exercícios de aplicação, tal como se sintetiza na Tabela 6.

Tabela 6: Elementos associados ao tratamento da voz verbal nos diversos materiais em estudo.

Materiais didáticos	Texto	Explicação	Exercícios	Avaliação
<i>Exercícios E Notas Gramaticais</i> (Dias, 1993)			X	
<i>Gramática da Língua Portuguesa</i> (Wang, 1996)		X		
<i>Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível A1, A2, B1</i> (Oliveira et al., 2007)	X	X	X	
<i>Gramática Aplicada - Português Para</i>	X		X	

<i>Estrangeiros, Nível B2 e C1</i> (Oliveira et al., 2014)				
<i>Vamos Lá Continuar</i> (Rosa, 2003)		X	X	
<i>Aprender Português 2 – Nível B1</i> (Oliveira et al., 2007)	X	X	X	X
<i>Aprender Português 3 – Nível B2</i> (Oliveira et al., 2007)	X		X	
<i>Português XXI – Livro do Aluno 2</i> (Tavares, 2004)	X		X	X
<i>Português Para Ensino Universitário 2</i> (Ye, 2010)	X	X	X	X

Fonte: Elaboração própria.

Nos próximos parágrafos explica-se, com recurso a exemplos, como é abordada a voz verbal nas várias obras referidas nas Tabelas anteriores.

Exercícios e Notas Gramaticais (Dias, 1993)

Na Unidade G da obra *Exercícios e Notas Gramaticais* (Dias, 1993) encontram-se apenas exercícios relativos à voz verbal, especificamente à voz passiva. Este livro não tem uma explicação prévia dos conteúdos gramaticais em questão, razão pela qual os estudantes só podem consolidar a aprendizagem da voz verbal ao resolverem os exercícios propostos.

Assim, no exercício G1 encontram-se várias alíneas com frases no pretérito perfeito, todas elas com sujeito exposto, sendo esperado que o estudante, partindo de uma alínea-modelo, transforme as frases ativas fornecidas em passivas correspondentes (cf. Figura 2).

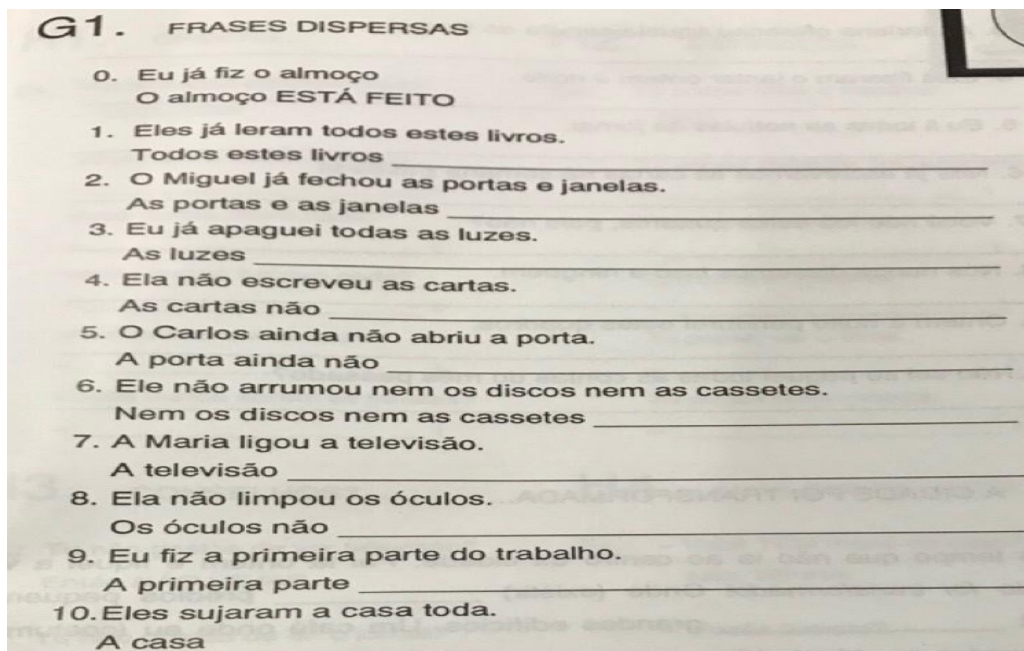


Figura 2: Excerto da obra *Exercícios e Notas Gramaticais* (Fonte: Dias, 1993, p. 39)

O exercício G2 (Figura 3) também reúne várias frases soltas, continuando a incluir apenas exemplos com formas verbais no pretérito perfeito. Em todos os casos há sujeito expresso, razão pela qual, na voz passiva, será viável o recurso ao agente da passiva. Não há contudo, qualquer explicação a respeito desta possibilidade de opção pela presença ou não do agente na frase passiva.

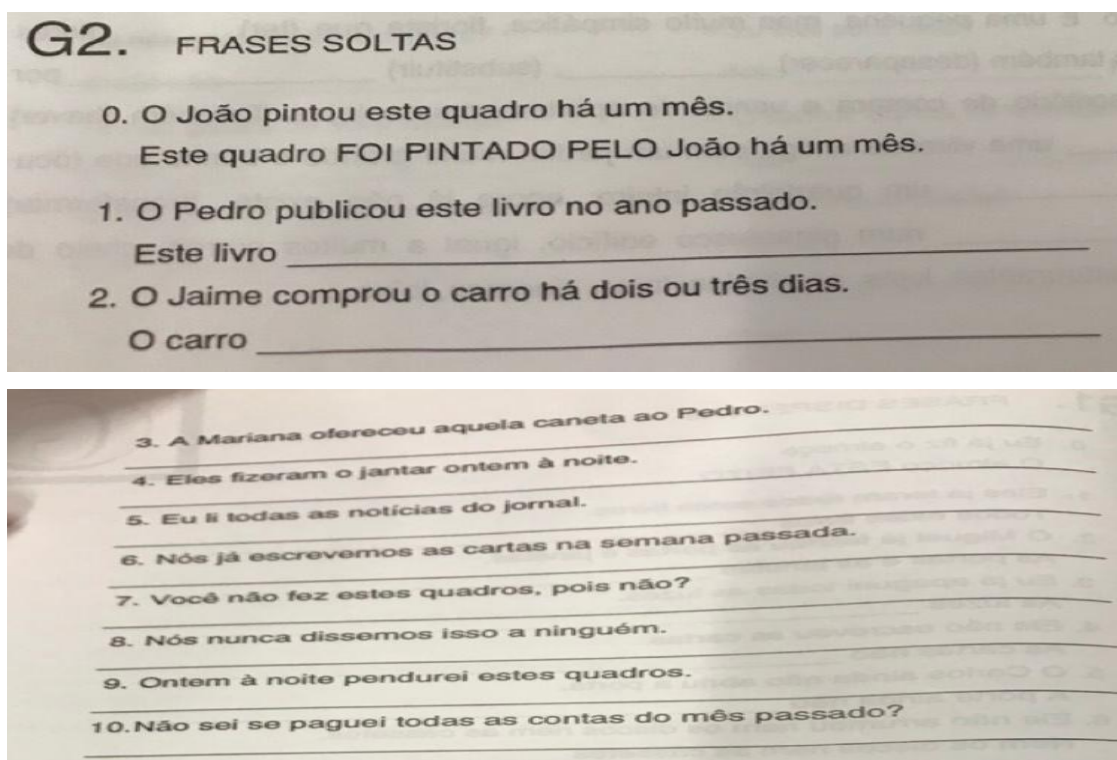


Figura 3: Excerto da obra *Exercícios e Notas Gramaticais* (Fonte: Dias, 1993, p. 39-40)

O exercício G3 (Figura 4) inclui um texto para completar. Apenas alguns espaços deverão ser preenchidos com voz passiva, o que ajudará o estudante a perceber em que contextos se recorre à mesma.

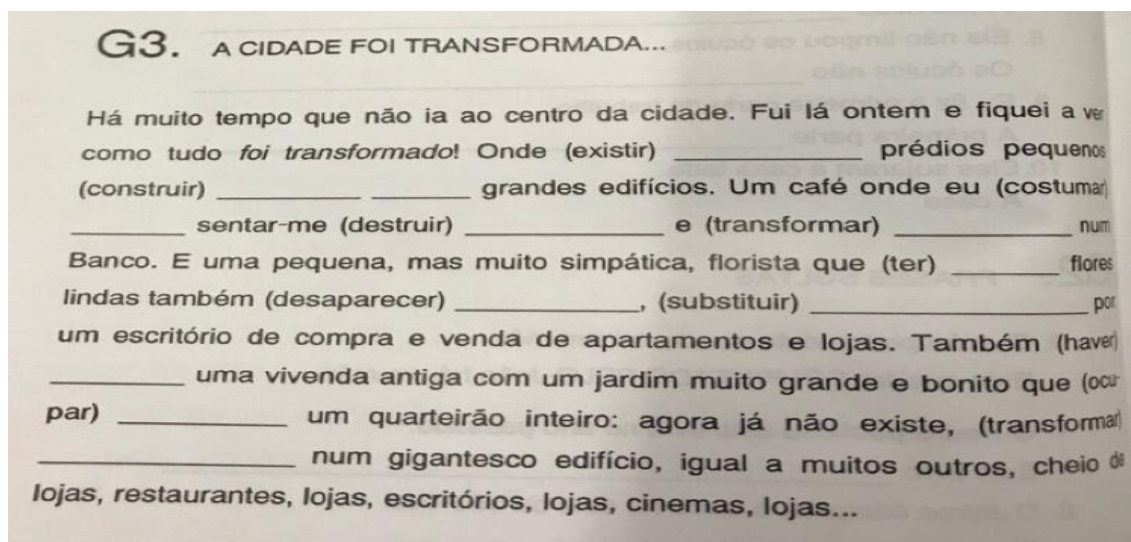


Figura 4: Excerto da obra *Exercícios e Notas Gramaticais* (Fonte: Dias, 1993, p. 40)

Os exercícios deste material são exclusivamente direcionados à voz passiva perifrástica. Vale a pena mencionar que em vez de usar títulos relacionados com a voz verbal, ocorrem apenas as designações “frases dispersas” e “frases soltas”, o que não acontece em nenhum dos outros materiais que abaixo se comentarão.

Diferenciando-se de outros materiais didáticos, este é utilizado como livro complementar de ensino em sala de aula. A parte da explicação terá necessariamente de ser realizada pelos professores a partir de outros manuais didáticos ou, como este material é usado principalmente para exercícios dos alunos após as aulas, terá de ser procurada pelos mesmos noutras fontes.

Gramática da Língua Portuguesa (Wang, 1996)

Esta é uma gramática usada comumente por estudantes chineses. Na unidade 14 da obra de Wang (1996), três formas de voz verbal são introduzidas: voz ativa, voz passiva e voz reflexiva. A maior parte do conteúdo inclui apresentação de exemplos, sem quaisquer exercícios (cf. Figuras 5 e 6).

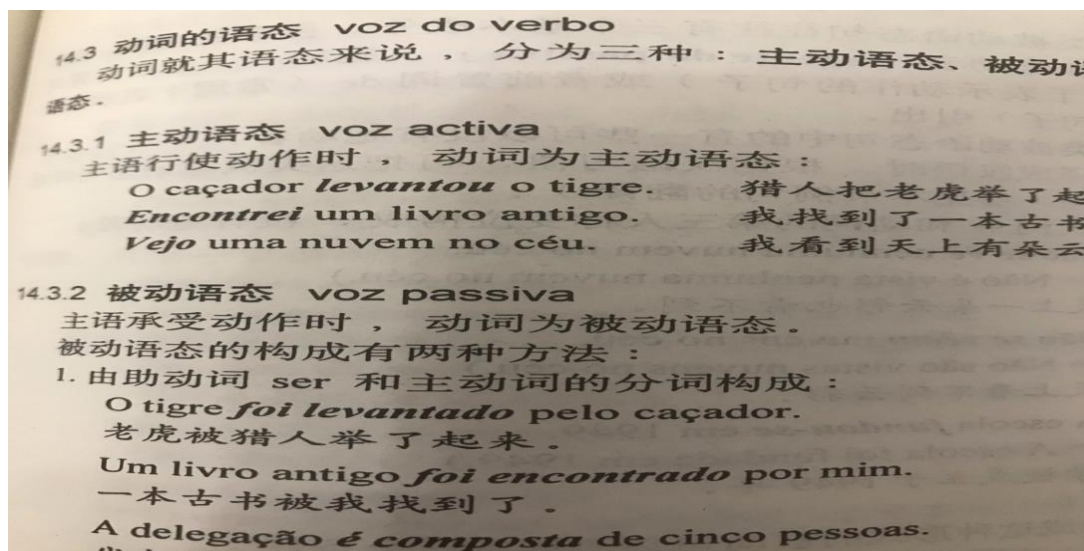


Figura 5: Excerto da obra *Gramática da Língua Portuguesa* (Fonte: Wang, 1996, p. 263)

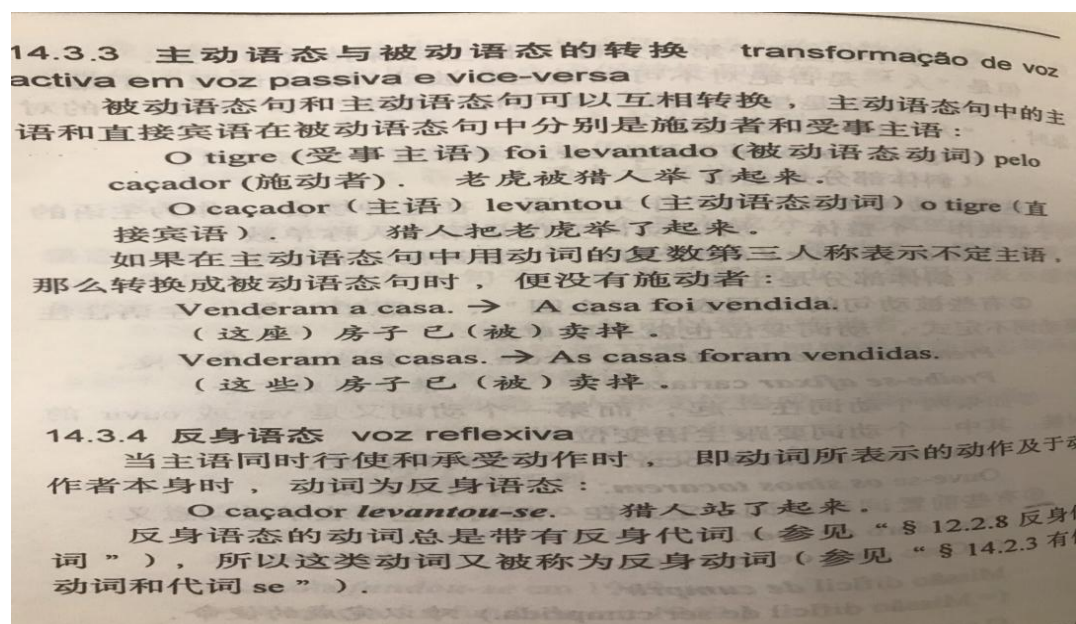


Figura 6: Excerto da obra *Gramática da Língua Portuguesa* (Fonte: Wang, 1996, p. 266)

Na unidade 20, em que se abordam os termos da oração, o agente da passiva é mencionado em parte. Esta informação pode assumir-se como um suplemento ao conteúdo anteriormente referido (integrado na unidade 14), uma vez que, antes, não se havia feito qualquer referência à presença/ausência do agente nem ao modo como o mesmo se manifesta na estrutura frásica (cf. Figuras 7 e 8).

二十章	句子的成份	TERMOS DA ORAÇÃO ...433
20.1	概述	noções gerais ...433
20.2	句子的主要成份	termos essenciais da oração ...435
20.2.1	主语	sujeito ...435
20.2.2	谓语和表语	predicado e predicativo ...438
20.3	句子的补充成份	termos integrantes da oração ...441
20.3.1	名词补语	complemento nominal ...441
20.3.2	动词补语	complemento verbal ...443
20.3.3	被动语态句的施动者	agente da passiva ...446

Figura 7: Excerto da obra *Gramática da Língua Portuguesa* (Fonte: Wang, 1996, p. 446)

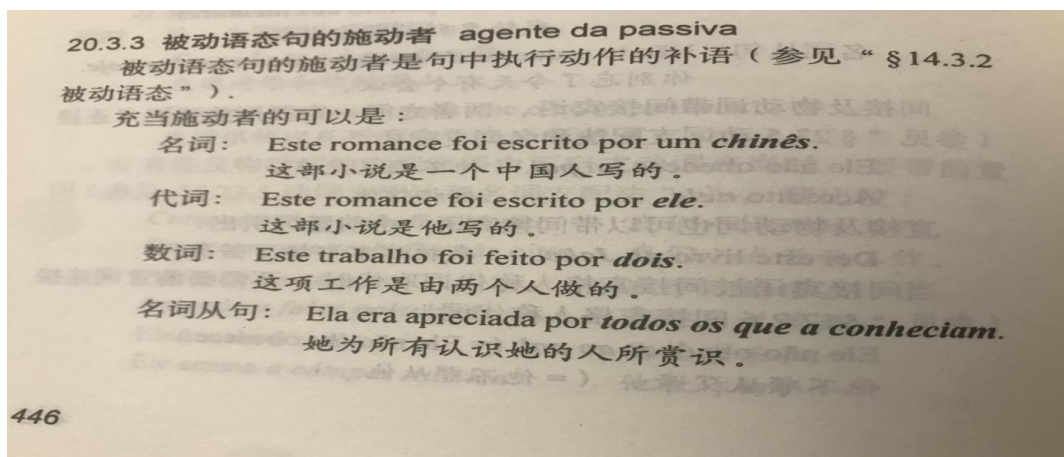


Figura 8: Excerto da obra *Gramática da Língua Portuguesa* (Fonte: Wang, 1996, p. 446)

Gramática Aplicada – Português para Estrangeiros – Nível A1, A2, B1 (Oliveira et al., 2007).

Na Unidade 20 da *Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros- Nível A1, A2, B1* (Oliveira et al., 2007), apresenta-se a voz passiva de ação, organizando-se a informação em três seções: utilização da passiva com verbo *ser*; formação da passiva com o verbo *ser*; transformação de frases para a voz passiva.

Nesta Gramática, o tema é introduzido com recurso a dois exemplos, um na voz ativa e o exemplo correspondente na voz passiva. Associada a estes exemplos encontra-se de imediato uma explicação da diferença de significado entre as duas frases e da razão que nos pode levar a optar por uma ou outra opção, fazendo-se referência à diferença entre “sujeito agente”, na voz ativa, e “sujeito paciente”, na voz passiva.

Imediatamente a seguir, o estudante encontra informação mais explícita em relação aos objetivos de uso da voz passiva: “contar o que acontece ao sujeito”; “falar de uma ação em que o agente é desconhecido ou não é importante”, “falar do resultado de uma ação”. Veja-se a Figura 9.

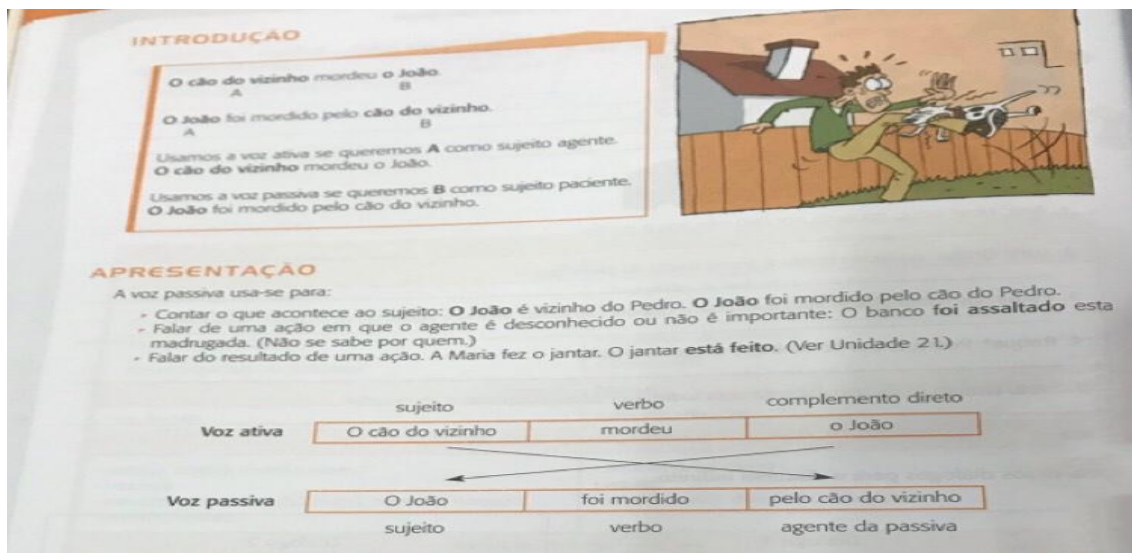


Figura 9: Excerto da obra *Gramática Aplicada – Português para Estrangeiros – Nível A1, A2, B1* (Fonte: Oliveira et al., 2007, p. 48)

A esta explicação segue-se a apresentação de um esquema referente à formação da voz passiva. Através dele, o estudante tem uma ideia preliminar dos elementos que compõem as frases passivas e tem noção da posição do verbo, do sujeito e do complemento nas duas vozes, compreendendo o modo como se articulam as duas vozes em termos de organização dos elementos frásicos.

Em seguida, encontra-se uma explicação aprofundada sobre a formação da voz passiva de ação, explicando como a mesma se forma (verbo *ser* + particípio passado). Porém, não se explica neste momento em que consiste a passiva de ação (cf. Figura 10).

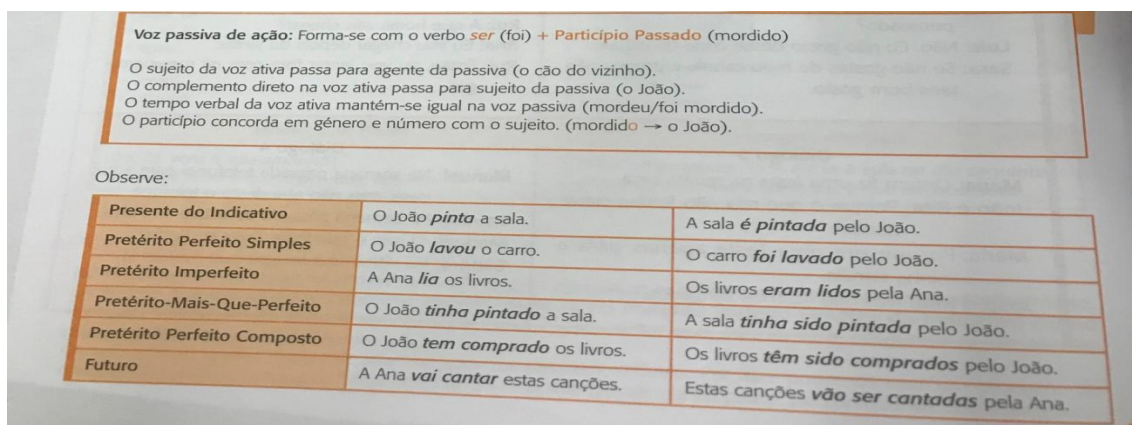


Figura 10: Excerto da obra *Gramática Aplicada – Português para Estrangeiros – Nível A1, A2, B1* (Fonte: Oliveira et al., 2007, p. 48)

A secção explicativa termina com uma tabela em que são apresentadas várias frases, em diferentes tempos verbais, dando-se, para cada um delas, a voz ativa e a voz passiva.

A unidade termina com alguns exercícios para o estudante resolver. O Exercício A consiste em passar as frases da voz ativa para a voz passiva. Nas diversas alíneas encontram-se frases em tempos verbais diferentes, para o estudante poder treinar a conjugação. Encontra-se ainda uma nota importante a respeito da omissão da referência ao agente da passiva, o que pode acontecer quando este é desconhecido ou não é importante. Porém, não se dão mais detalhes a este respeito. O exercício B assenta precisamente no trabalho com frases nas quais não é conhecido/não está presente o agente (cf. Figura 11).

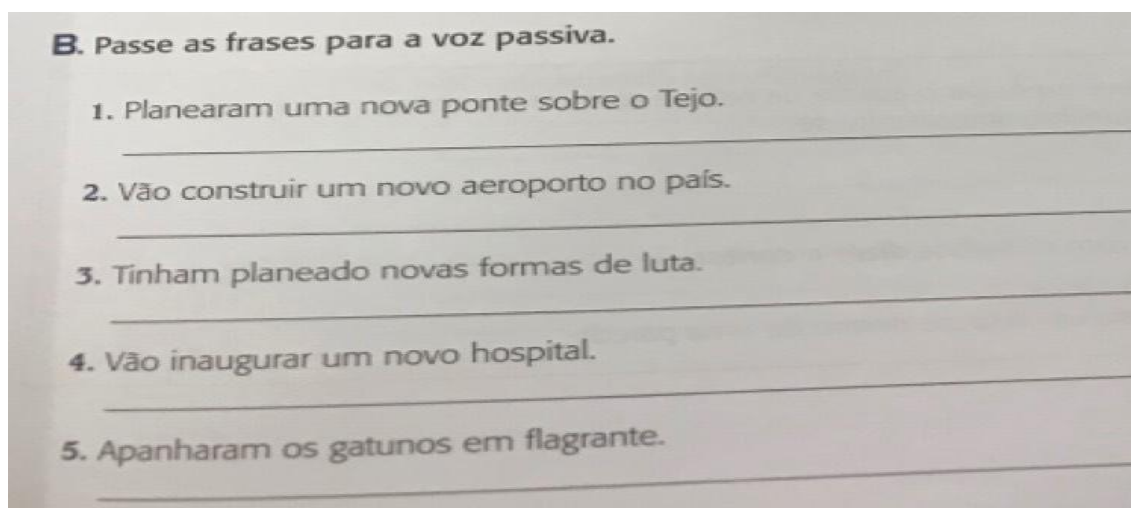



Figura 11: Excerto da obra *Gramática Aplicada – Português para Estrangeiros – Nível A1, A2, B1*
(Fonte: Oliveira *et al.*, 2007, p. 49)

A Unidade 21 desta gramática é também dedicada à voz, mas desta vez intitula-se “voz passiva de estado”. Inclui três partes: utilização da passiva com o verbo *estar*; formação da passiva com o verbo *estar*; partícula apassivante *se*. Tal como na Unidade anterior, inicia-se esta com uma introdução ao tópico em análise através de um diálogo. Posteriormente, e seguindo a mesma estrutura da Unidade 20, dão-se algumas informações a respeito do uso das passivas, distinguindo as situações em que se usam passivas de estado, com auxiliar *estar*, das passivas de ação (com auxiliar *ser*). Esta explicação é seguida de alguns exemplos que relacionam a voz passiva de ação e a voz passiva de estado (usada nestes exemplos para apresentar o resultado de uma ação). É também apresentada uma curta chamada de atenção relativamente aos participios

passados duplos, indicando-se quando se usa a forma regular e quando se usa a forma irregular (cf. Figura 12).

21 **Voz Passiva de Estado**
 - Ser ou estar: eis a questão!

INTRODUÇÃO
 Dona Felícia: Maria, já limpou as janelas?
 Maria: Sim. Já estão limpas!



APRESENTAÇÃO
 Como já vimos (Unidade 20), a voz passiva de ação, formada com o verbo **ser** e o particípio passado, usa-se para contar o que acontece ao sujeito paciente.
 - A voz passiva de estado forma-se com o verbo **estar** e o particípio passado.

- O António pagou a conta. **A conta foi paga pelo António.** → resultado da ação → A conta **está** paga.
- A Maria lavou o carro. **O carro foi lavado pela Maria.** → resultado da ação → O carro **está** lavado.
- A Marta leu os livros. **Os livros foram lidos pela Marta.** → resultado da ação → Os livros **estão** lidos.

• Alguns verbos têm dois participios → **participios duplos.**
 Com o verbo **ter** usa-se o **particípio regular** e com os verbos **ser** e **estar** o **particípio irregular**.

	Ter	Ser / Estar
Infinitivo	(particípio regular)	(particípio irregular)
aceitar	aceitado	aceite
acender	acendido	aceso
entregar	entregado	entregue
matar	matado	morto
prender	prendido	preso
salvar	salvado	salvo

Veja os exemplos:

- A polícia **tem prendido** muitos criminosos.
- Os criminosos **foram presos** pela polícia.
- O ladrão que assaltou o banco **está preso**.

Figura 12: Excerto da obra *Gramática Aplicada – Português para Estrangeiros – Nível A1, A2, B1* (Fonte: Oliveira et al., 2007, p. 50)

Por fim, faz-se uma curta referência à “passiva com *se*” (cf. Figura 13), referindo-se que a mesma é usada comumente, sobretudo em registos mais coloquiais. Porém, apenas se apresentam exemplos, não se dando qualquer explicação em relação à sua formação, que é bastante diferente das passivas acima abordadas. Quanto aos objetivos e contextos de uso, apenas se refere que é usada “quando não se quer ou não se deve expressar o agente da ação”, indicando-se que esta estrutura está mais associada à linguagem coloquial, o que não se verifica, pois as estruturas passivas de *se* ocorrem muito, por exemplo, em textos técnicos e científicos.

Passiva com -se

Quando não se quer ou não se deve expressar o agente da ação, é comum encontrar, na linguagem coloquial, frases passivas com o pronome apassivante **-se**.

- **Vendem-se** apartamentos.
- **Arrenda-se** casa.

São muito frequentes construções com os verbos **dizer** e **contar**.

- **Diz-se** que o azeite é bom para a saúde.
- **Conta-se** que o homem encontrou um tesouro dentro de uma parede.

Figura 13: Excerto da obra *Gramática Aplicada – Português para Estrangeiros – Nível A1, A2, B1* (Fonte: Oliveira et al., 2007, p. 50)

Como acontecia na Unidade anterior, encontram-se também alguns exercícios para que o estudante possa aplicar os conteúdos apresentados previamente. Assim, o exercício A (Figura 14) pressupõe que o estudante apresente frases passivas de estado, partindo de frases ativas fornecidas.

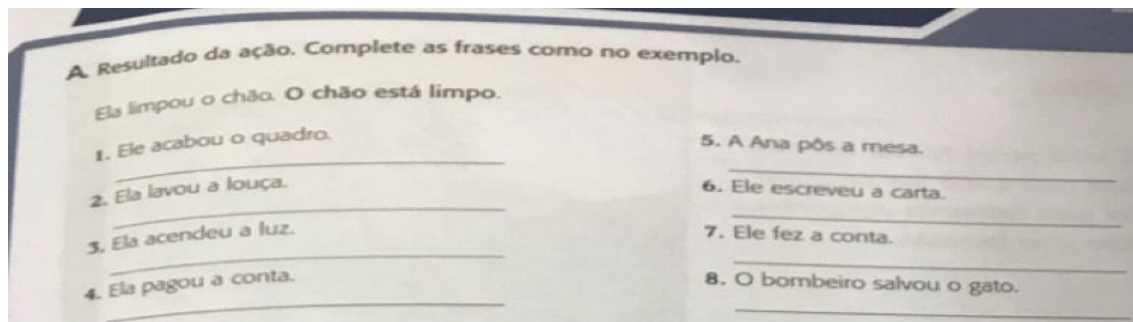


Figura 14: Excerto da obra *Gramática Aplicada – Português para Estrangeiros – Nível A1, A2, B1* (Fonte: Oliveira *et al.*, 2007, p. 51)

Já no exercício B (Figura 15) o estudante deverá completar as frases com a forma passiva do verbo entre parênteses e usar o auxiliar *ser* ou *estar*. O objetivo deste exercício é treinar a diferença entre os dois tipos de voz passiva abordados previamente (passiva de ação, com auxiliar *ser*, e passiva de estado, com auxiliar *estar*). Curiosamente, as frases sugeridas são próprias à inclusão não apenas do auxiliar *ser*.

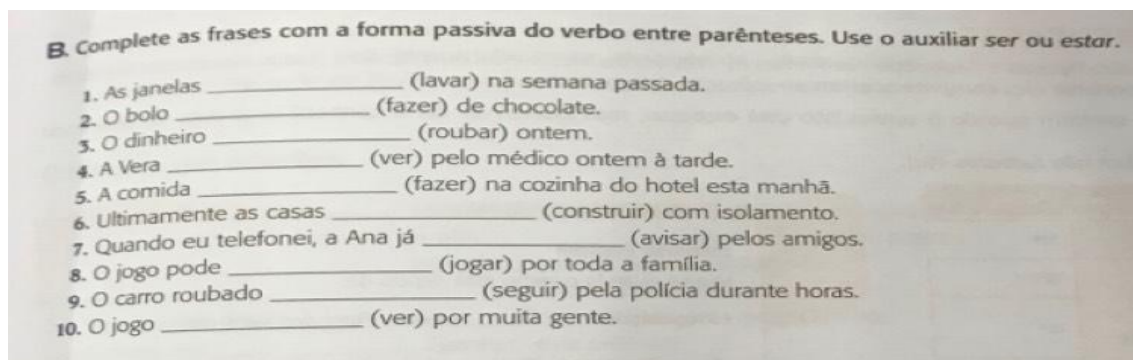


Figura 15: Excerto da obra *Gramática Aplicada – Português para Estrangeiros – Nível A1, A2, B1* (Fonte: Oliveira *et al.*, 2007, p. 51)

O exercício C (Figura 16) propõe um cenário inicial, de acordo com o qual o estudante deverá escrever quatro frases na voz passiva usando o verbo no futuro. Assim, este exercício não só permite reforçar o uso da voz passiva, mas também futuro simples do indicativo dos verbos. Porém, neste contexto, e apesar das informações prévias serem

relativas a passivas de a çã, passivas de estado e passivas de *se*, apenas se exercita a voz passiva perifrástica (passiva de a çã).

C. A Joana foi à vidente. Descubra o que ela lhe disse sobre o futuro.
Escreva quatro frases na passiva e use o verbo no Futuro.

Amanhã No próximo ano Daqui a dez anos Na próxima semana Amanhã à noite	o seu namorado o seu chefe a sua melhor amiga o primeiro prémio o seu carro	roubar ganhar enviar para a China pedir em casamento condecorar	por	seu cão. gatunos. seu irmão. Presidente. empresa.
---	---	---	-----	---

Amanhã o seu chefe será condecorado pelo Presidente.

Figura 16: Excerto da obra *Gramática Aplicada – Português para Estrangeiros – Nível A1, A2, B1*
(Fonte: Oliveira et al., 2007, p. 51)

Globalmente, deve referir-se que esta obra dá ênfase à voz passiva, explorando a diferença entre passiva de a çã e passiva de estado. A passiva de *se* é apenas afluada, não se explicando como se forma nem como/porquê se usa. Aliás, refere-se que o seu uso é coloquial, quando, na verdade, esta passiva é frequentemente usada em textos técnico-científico-acadêmicos, como estratégia de impessoalização dos enunciados. Porém, se tivermos em conta que esta obra é indicada para os níveis A1/A2, compreende-se a opção, direcionando-se a atenção, nesta fase inicial, para as estruturas mais comuns.

Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível B2 e C1 (Oliveira et al., 2014)

Na Unidade 31 da *Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível B2 e C1* (Oliveira et al., 2014) estudam-se as formas nominais - o particípio. Este tópico não é diretamente associado ao conhecimento da voz verbal, porque a mesma já se apresentou na *Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível A1, A2, B1* (Oliveira et al., 2007), mas aprofunda sua compreensão, pois permite o reforço de um dos elementos constitutivos da voz passiva, o particípio. Nesta Unidade encontram-se informações sobre formação do particípio; utilização do particípio e função adjetival do mesmo.

No início desta Unidade (Figura 17), explicita-se em que contextos se usa o particípio: na formação dos tempos compostos, na voz passiva e como adjetivo. Depois, explica-se que o particípio não tem valor temporal próprio.

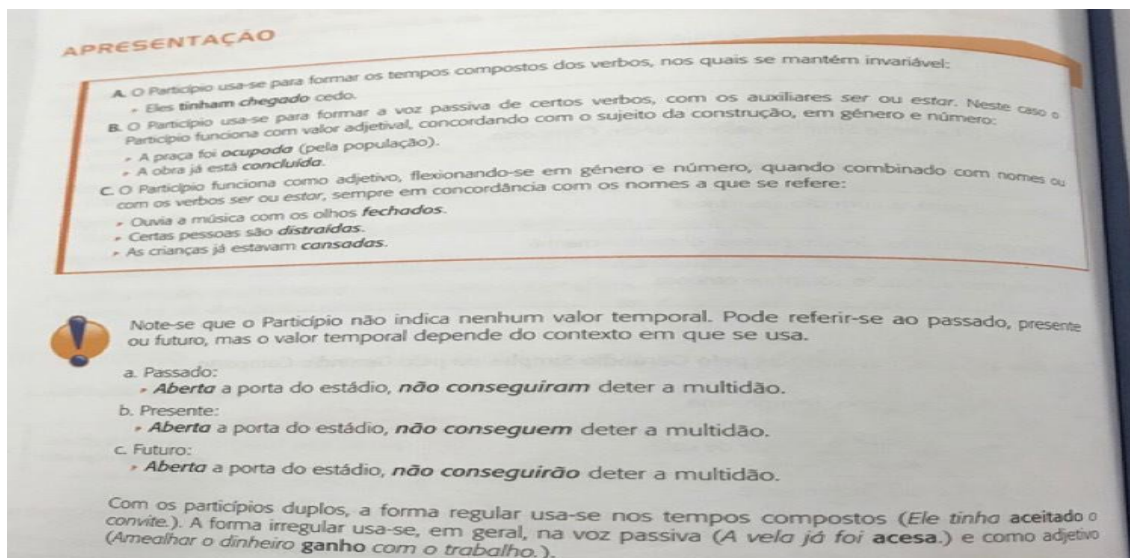


Figura 17: Excerto da obra *Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível B2 e C1* (Fonte: Oliveira et al., 2014, p. 76)

De seguida (Figura 18), dão-se exemplos de usos do particípio, sendo dois deles de passiva (de ação e de estado).

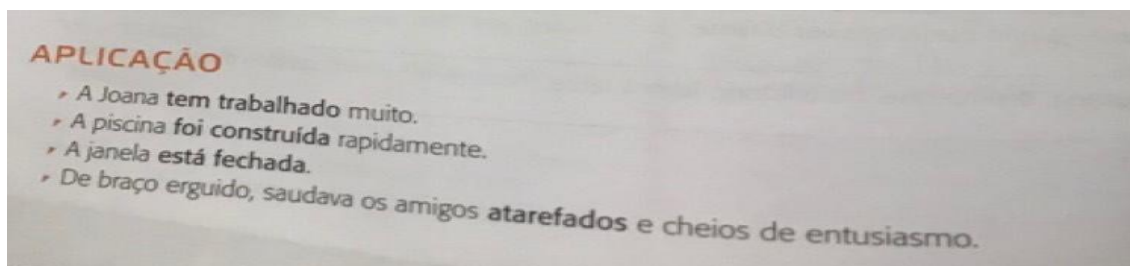


Figura 18: Excerto da obra *Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível B2 e C1* (Fonte: Oliveira et al., 2014, p. 76)

A última parte da Unidade inclui alguns exercícios referentes ao uso do particípio. Os exercícios A e C não têm nada a ver com a voz verbal. No exercício B (Figura 19) os estudantes precisam de fazer a ligação de duas colunas, do modo a escrever frases corretas.

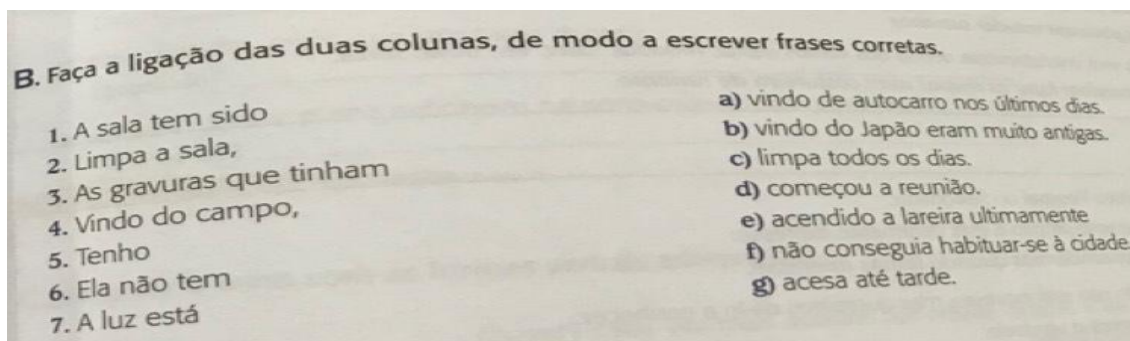


Figura 19: Excerto da obra *Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível B2 e C1* (Fonte: Oliveira et al., 2014, p. 77)

Este exercício ajuda os estudantes a distinguir o uso do particípio em situações diferentes. Porque este material é de Nível B2/C1, o conhecimento ativado para a resolução deste exercício não se limita a apenas um ponto, mas pressupõe a integração de diferentes pontos antes trabalhados, alguns deles relacionados com conhecimento da voz verbal.

Vamos Lá Continuar – Explicações e Exercícios de Gramática e Vocabulário (Rosa, 2003)

Na obra *Vamos Lá Continuar* (Rosa, 2003), nas páginas 15 a 19, apresentam-se as funções do particípio passado, fazendo-se referência, naturalmente, à construção da voz passiva (Figura 20).

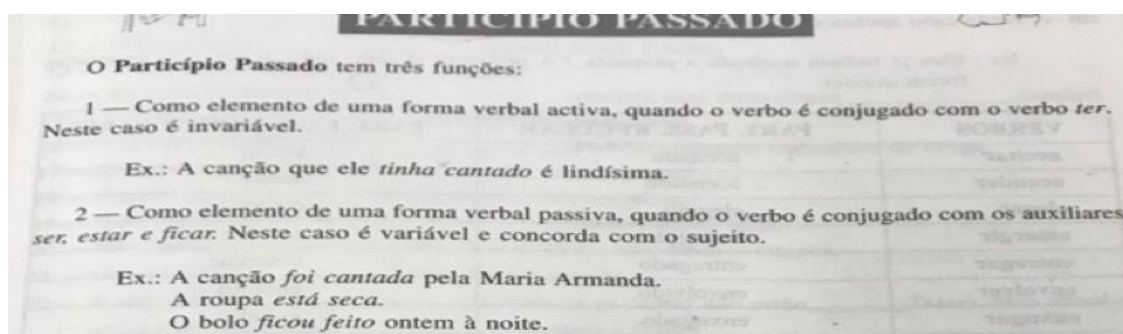


Figura 20: Excerto da obra *Vamos Lá Continuar – Explicações e Exercícios de Gramática e Vocabulário* (Fonte: Rosa, 2003, p. 15)

De seguida, apresentam-se alguns exercícios (Figura 21) que conduzem o estudante a usar o particípio passado regular (mais extenso) ou irregular (mais curto). A diferença de uso dos mesmos terá sido introduzida em materiais anteriores e não se explica aqui.

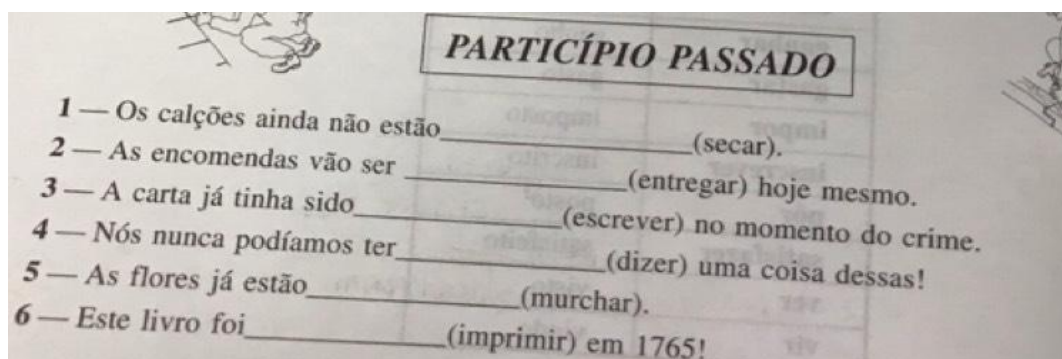


Figura 21: Excerto da obra *Vamos Lá Continuar – Explicações e Exercícios de Gramática e Vocabulário* (Fonte: Rosa, 2003, p. 16)

Aprender Português ê 2 – Nível B1 (Oliveira et al., 2007)

Na Unidade 8 do manual *Aprender Português ê 2 – Nível B1* (Oliveira et al., 2007) dá-se atenção especial a dois aspetos: estrutura frásica das frases passivas e participios passados duplos. No que respeita ao primeiro aspeto, são abordados os seguintes pontos: a transformação de frases; passiva com os verbos *ser* e *estar*; partícula apassivante *-se*.

Antes de se apresentar a estrutura verbal própria da voz passiva, os estudantes devem ouvir e ler dois textos jornalísticos (Figuras 22 e 23) e explicar o significado das expressões indicadas abaixo dos textos. Esse conteúdo treina os estudantes para compreender notícias simples da imprensa escrita e relatar factos do quotidiano/notícias. Ao surgirem determinadas frases destacadas a negrito nestes textos (“[...] foi em socorro da senhora que conseguiu salvar antes de ser atropelada pelo carro.”; “A senhora disse que se sentia muito feliz por [...] ter sido salva por Brad.”; “António foi assaltado na esquina da ...”; “António foi assaltado novamente.”), preparam-se os estudantes para a introdução da voz passiva.

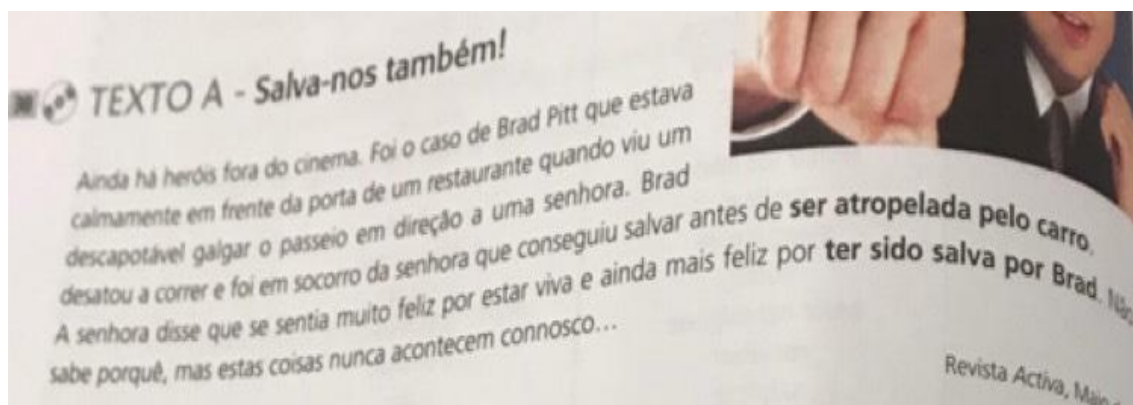


Figura 22: Excerto da obra *Aprender Português ê 2 – Nível B1* (Fonte: Oliveira et al., 2007, p. 96)

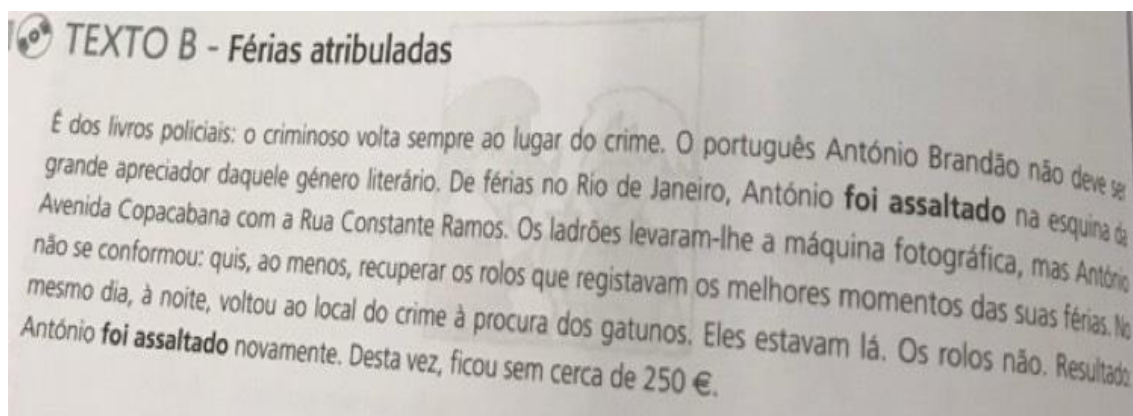


Figura 23: Excerto da obra *Aprender Português ê 2 – Nível B1* (Fonte: Oliveira et al., 2007, p. 96)

De seguida (Figura 24), identificam-se os objetivos de uso da voz passiva: fortalecer o papel do objeto da ação, que passa a figurar como sujeito; reduzir a importância atribuída ao agente da ação ou omiti-la na totalidade; focar no resultado da ação. Explica-se também a sua formação, dando especial enfoque à passiva de ação, e o seu uso. Neste manual são dadas algumas informações detalhadas que podem ajudar o estudante a usar a voz passiva, nomeadamente no que respeita aos tempos verbais usados e à concordância em género e número entre o particípio passado e o sujeito. Para encerrar esta parte expositiva, apresenta-se uma tabela com a comparação entre os usos na voz ativa e na voz passiva de uma dada frase, em diferentes tempos verbais.

VOZ PASSIVA

A voz passiva usa-se para:

- Reforçar o papel do objeto de uma ação que passa a sujeito: *O Pedro escreveu o romance. O romance foi escrito pelo Pedro.*
- Falar de uma ação em que o agente é desconhecido ou não é importante: *O banco foi assaltado, essa madrugada. (Não se sabe por quem.)*
- Falar do resultado de uma ação: *A Maria fez o jantar. O jantar está feito.*

Voz Passiva de Ação

Forma-se com o verbo **ser** e o **particípio passado** do verbo principal (+ preposição **por**, contraída ou não com o artigo)

1. O sujeito da voz ativa (O João) passa para agente da passiva. (pelo João)
2. O complemento direto na voz ativa (a sala) passa para sujeito da passiva.
3. Os tempos verbais da voz ativa mantêm-se iguais na voz passiva. (pinta → é pintada)
4. Os participios concordam em género e número com o sujeito. (a sala → é pintada / as salas → são pintadas)

Diagrama de transformação:

```

    graph TD
      A["O João pinta a sala"] --> B["A sala é pintada pelo João"]
  
```

Observe o uso da voz passiva nos vários tempos verbais:

	Voz ativa	Voz passiva
Presente do Indicativo	O João pinta a sala.	A sala é pintada pelo João.
Pretérito Perfeito Simples do Indicativo	O João pintou a sala.	A sala foi pintada pelo João.
Pretérito Imperfeito do Indicativo	O João pintava a sala.	A sala era pintada pelo João.
Pretérito-mais-que-perfeito	O João tinha pintado a sala.	A sala tinha sido pintada pelo João.
Pretérito Perfeito Composto do Indicativo	O João tem pintado a sala.	A sala tem sido pintada pelo João.
Expressão de Futuro (ir+ Infinitivo)	O João vai pintar a sala.	A sala vai ser pintada pelo João.

noventa e sete • 97

UNIDADE 6 - ATUALIDADES

Figura 24: Excerto da obra *Aprender Português 2 – Nível B1* (Fonte: Oliveira *et al.*, 2007, p. 97)

A última parte desta unidade inclui os exercícios: os estudantes têm de passar as frases para a voz passiva, sendo de destacar que as frases propostas estão organizadas consoante os tempos verbais que nelas ocorrem. Deste modo, o estudante não apenas verifica a aprendizagem da voz passiva, mas também pratica a conjugação e uso de vários tempos verbais (Figuras 25 e 26).

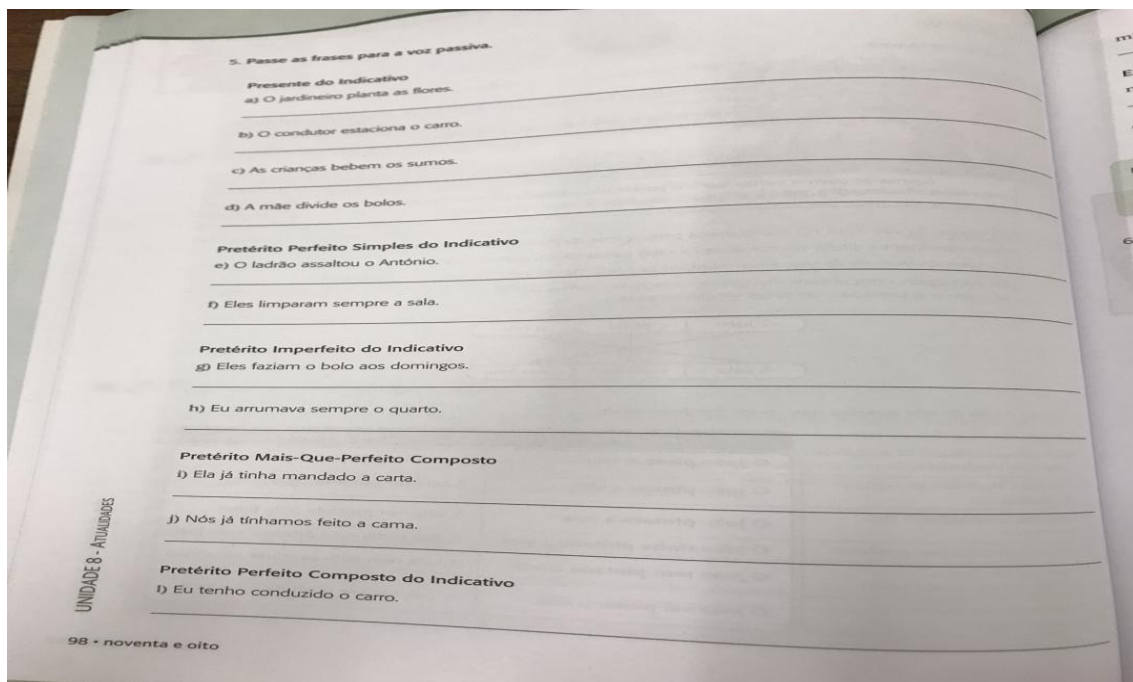


Figura 25: Excerto da obra *Aprender Português 2 – Nível B1* (Fonte: Oliveira *et al.*, 2007, p. 98)

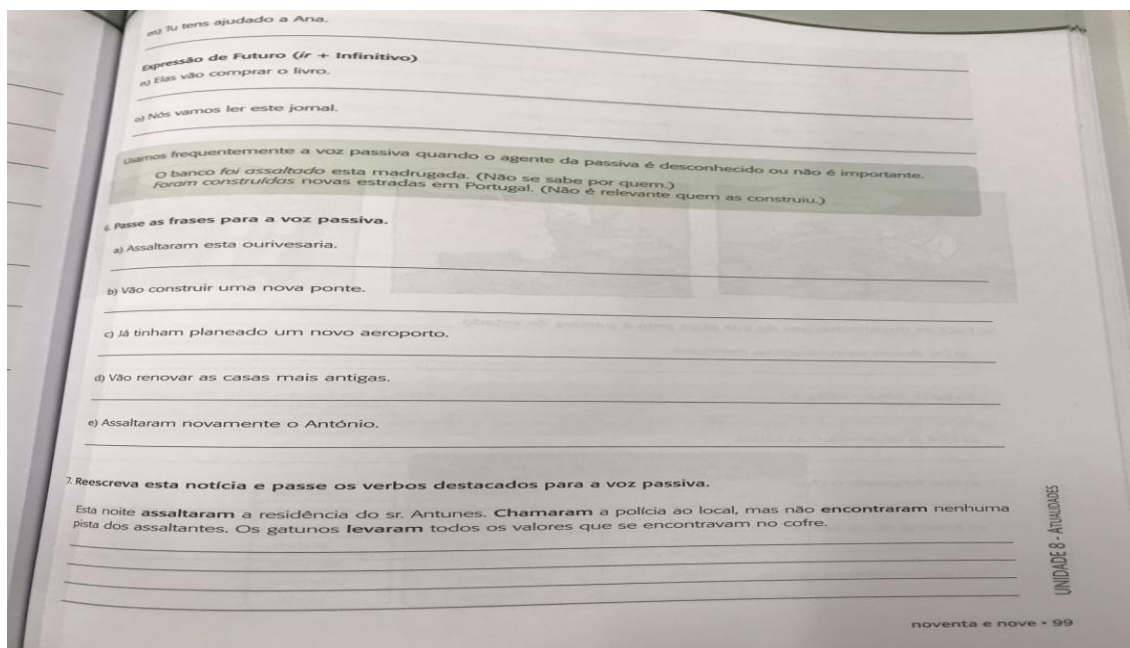


Figura 26: Excerto da obra *Aprender Português 2 – Nível B1* (Fonte: Oliveira *et al.*, 2007, p. 99)

É importante assinalar que este manual também apresenta um exercício especificamente dedicado às construções que não incluem agente da passiva (Figura 26).

O manual em análise inclui um quadro explicativo da chamada passiva de estado, mas não dá qualquer indicação a respeito dos contextos de uso da mesma, limitando-se a

explicar como a mesma se forma e a dar exemplos de uso, seja através de texto ou de imagem e texto. De seguida, são novamente propostos vários exercícios aos estudantes, sendo que, desta vez, todas as frases ocorrem no pretérito perfeito, havendo algumas que implicam a existência de um agente da passiva expresso e outras não (Figuras 27 e 28).

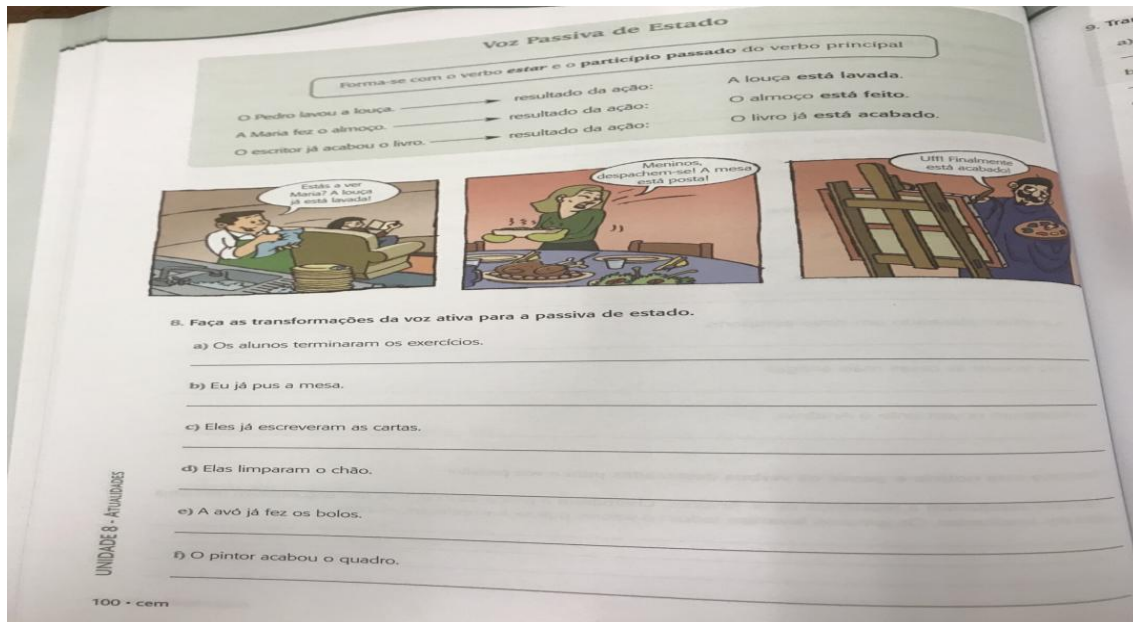


Figura 27: Excerto da obra *Aprender Português 2 – Nível B1* (Fonte: Oliveira *et al.*, 2007, p. 100)

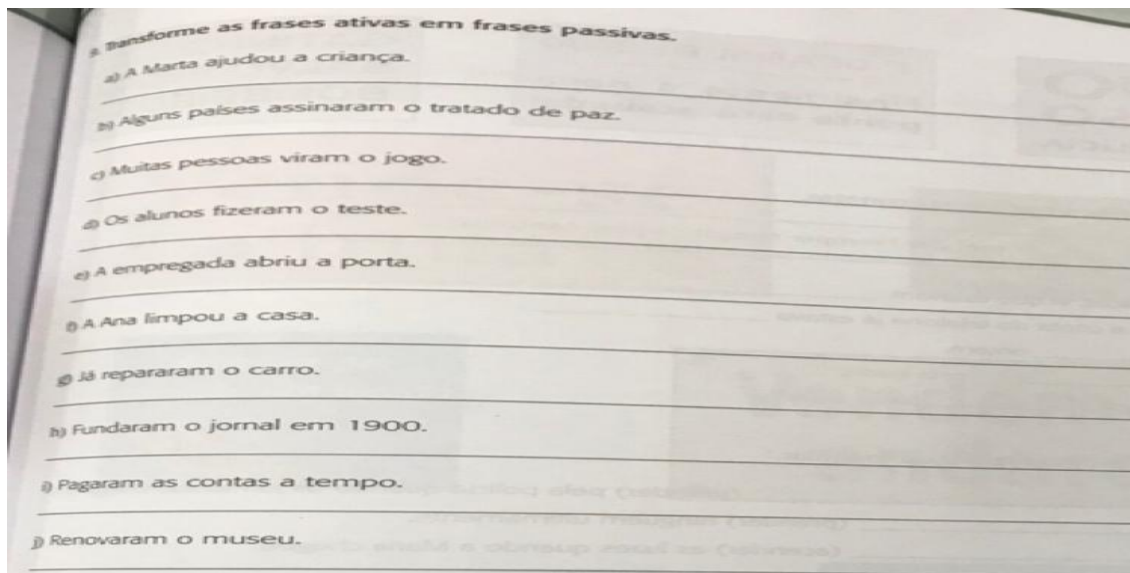


Figura 28: Excerto da obra *Aprender Português 2 – Nível B1* (Fonte: Oliveira *et al.*, 2007, p. 101)

Como a voz passiva implica o recurso ao particípio passado, esse tópico gramatical também é explicitado nesta unidade, dando-se especial atenção aos casos de particípios passados duplos. Dão-se exemplos de contextos em que se usa o particípio regular (com o verbo *ter*) e o irregular (com os verbos *ser/estar*) (Figura 29).

Alguns verbos têm dois participípios – participípios duplos. Com o verbo *ter* usa-se o participípio regular e com os verbos *ser* e *estar* o participípio irregular.

Exemplo: Ela ficou triste por não ter **aceitado** o convite. Ele ficou aborrecido porque o convite não foi **aceite**.

	Participípio regular Ter	Participípio irregular Ser / Estar
aceitar	aceitado	aceite
acender	acendido	aceso
entregar	entregado	entregue
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
prender	prendido	preso
salvar	salvado	salvo

Figura 29: Excerto da obra *Aprender Português 2 – Nível B1* (Fonte: Oliveira et al., 2007, p. 101)

Uma vez que anteriormente se tinham encontrado já muitas seções de exercícios, não se indicam, neste manual, exercícios específicos sobre os participípios passados duplos, transitando-se, de imediato, para o último ponto desta unidade, a passiva com *-se*.

Nesta seção, há uma tentativa de se explicar quando/para que se usa a passiva de *se*, referindo-se que “quando não se quer ou não se deve expressar o agente da ação, é comum encontrar, na linguagem coloquial, frases passivas com o pronome apassivante *se*”. Não se dão mais informações a respeito desta construção, nem no que respeita ao seu intuito impessoalizador (que não é exclusivo da linguagem coloquial, ao contrário do referido neste material), nem a respeito das especificidades da sua formação (Figura 30).

Passivas com *-se*

Quando não se quer ou não se deve expressar o agente da ação, é comum encontrar, na linguagem coloquial, frases passivas com o pronome apassivante *-se*:

Vende-se
fruta

Fazem-se
arranjos

Forram-se
sapatos em tecido

Vendem-se
andares

Fazem-se
chaves

Reparam-se
máquinas
de lavar louça e roupa

As construções com os verbos *dizer*, *contar* e *pensar* são muito frequentes:

- Diz-se que a soja faz bem à saúde.
- Diz-se que ele vai ser o próximo presidente.
- Conta-se que ele ganhou uma fortuna no Brasil.
- Conta-se que ele apanhou sozinho todos os bandidos.
- Pensa-se que eles casaram em segredo.

UNIDADE 8 - ATUALIDADES

cento e três • 103

Figura 30: Excerto da obra *Aprender Português 2 – Nível B1* (Fonte: Oliveira et al., 2007, p. 103)

Aprender Português 3 – Nível B2 (Oliveira et al., 2007)

Na Unidade 0 do manual *Aprender Português 3 – Nível B2* (Oliveira et al., 2007), encontram-se exercícios dedicados ao uso de pronomes clíticos e voz passiva. Neste material não há introdução nem apresentação prévia dos conteúdos gramaticais em questão, centrando-se a abordagem na resolução dos exercícios propostos (Figura 31).

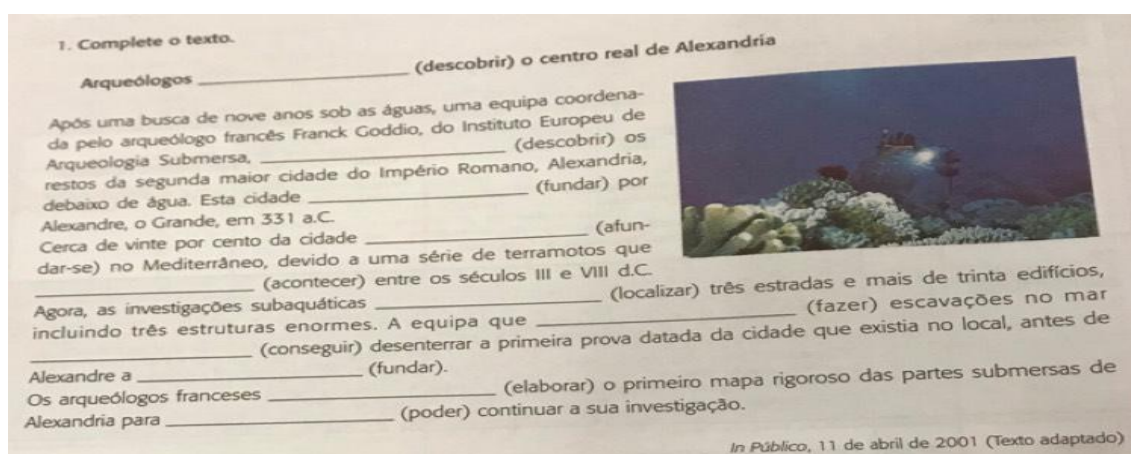


Figura 31: Excerto da obra *Aprender Português 3 – Nível B1* (Fonte: Oliveira et al., 2007, p. 10)

Ao preencher os espaços vazios do texto, os alunos utilizarão o conteúdo gramatical da voz passiva, de forma a verificar a capacidade de leitura e os exercícios gramaticais relevantes. (... *Esta cidade _____(fundar) por Alexandre, o Grande, em 311 a.C.; Cerca de vinte por cento da cidade _____(afundar-se) no Mediterrâneo... , etc.*)²

O segundo exercício é relativo a alguns problemas de compreensão do texto, que nada têm a ver com a voz verbal; centrando-se no vocabulário dominado pelos alunos e na sua capacidade de compreensão do texto.

O terceiro exercício consiste na transformação de frases (voz passiva/ voz ativa e voz ativa/ voz passiva). Repare-se que, neste caso (Figura 32), já não se dá indicação ao estudante de quais as frases propostas que estão na voz ativa ou na voz passiva, partindo-

² Deve esclarecer-se, ainda assim, que o uso de *de* é, neste caso, um uso decausativo ou anticausativo e não um uso passivo. Os dois distinguem-se na medida em que o primeiro ocorre para descrever situações com causa externa não agentiva/volitiva, ao passo que os segundos têm, por norma, uma causa externa agentiva/volitiva.

se do princípio de que o mesmo as conseguir á identificar, propondo a sua apresentação na voz contrária.

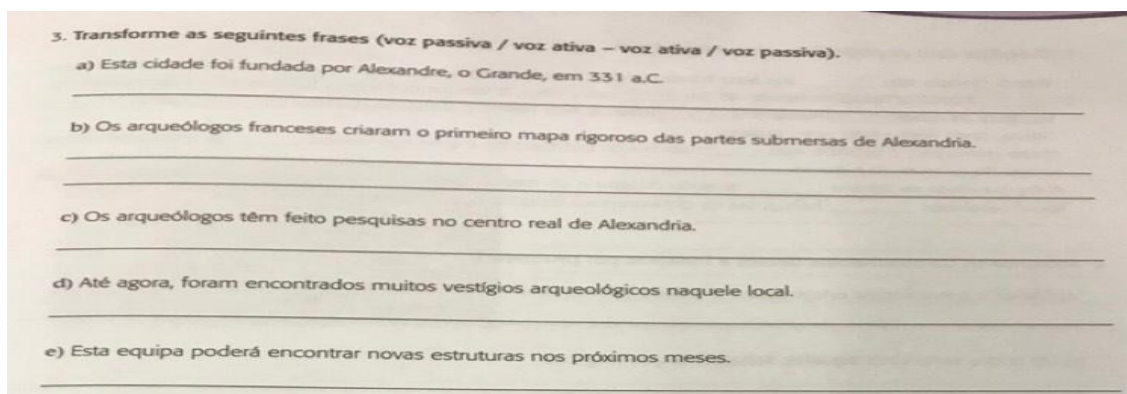


Figura 32: Excerto da obra *Aprender Português 3 – Nível B1* (Fonte: Oliveira *et al.*, 2007, p. 11)

Esses conteúdos gramaticais, que permitem consolidar a voz verbal estudada no material anterior (nível B1), ocupam uma parte pequena deste manual.

Português XXI – Livro do Aluno 2 (Tavares, 2004)

Na Unidade 8 do manual *Português XXI – Livro do Aluno 2 (Tavares, 2004)*, são abordadas a questão do particípio passado duplo e da voz passiva. Para iniciar esta Unidade, os estudantes são chamados a ouvir um diálogo, cujo título é “Os assaltantes foram apanhados”. Na realidade, pode-se ver o foco desta lição logo pela análise do título, como se percebe pela análise da Figura 33.

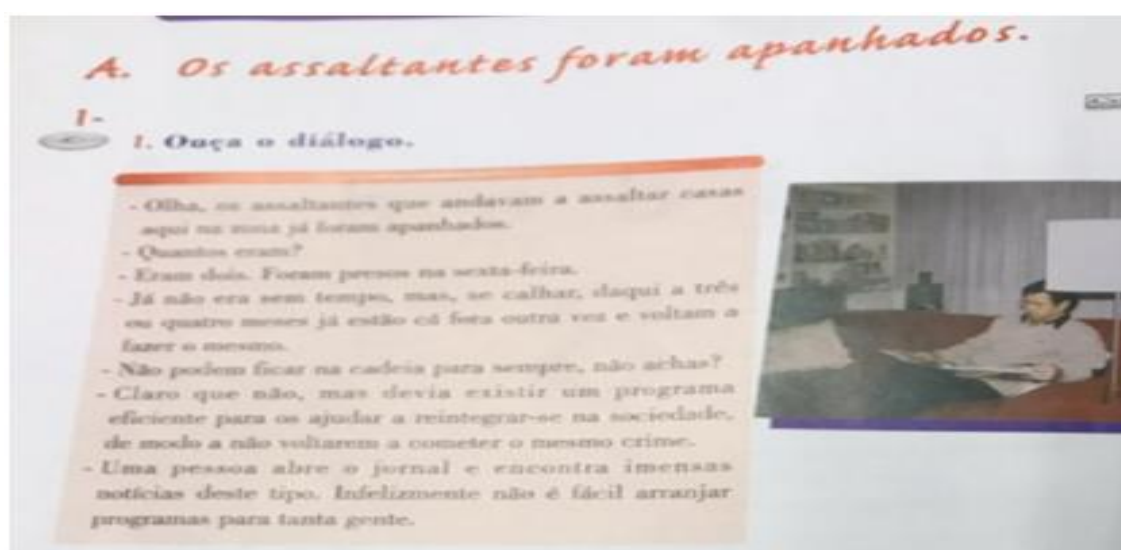


Figura 33: Excerto da obra *Português XXI – Livro do Aluno 2* (Fonte: Tavares, 2004, p. 104)

De seguida, os estudantes precisam também de ler as pequenas notícias retiradas de dois jornais diferentes e identificar a notícia de que os dois amigos mencionados no texto anterior estavam a falar. Abaixo reproduzem-se alguns excertos dessas notícias:

A. *Dois homens, ... , foram detidos, sexta-feira, pela PSP de Setúbal...Os gatunos foram detidos quando tinham acabado*

B. *Os feridos foram transportados para o Hospital Distrital de Évora.*

C. *...outras casas foram inundadas ontem ... ,uma dezena e meia de pedidos de socorro foram registados pelos Bombeiros Voluntários da cidade.*

D. *Um homem e uma mulher foram descobertos a furtar Um jovem de 16 anos foi detectado na posse de artigo*

E. *Vai ser inaugurado em Santarém, no próximo dia 28 Com um investimento de 35 milhões de euros, são esperados cinco milhões*

F. *... , quinto volume de saga criada por J. K. Rowling, será lançado no dia 24 O espaço será decorado de modo a O próximo livro será editado em papel*

G. *... . A proposta foi debatida numa reunião de ministros ... e vai ser apresentada aos restantes membros ... , ao qual os passageiros aéreos são submetidos quando*

Os excertos selecionados incluem voz passiva, percebendo-se que o uso da mesma é abundante nos textos que os estudantes deverão analisar. Assim, os mesmos poderão contactar com exemplos de voz passiva devidamente contextualizados. Neste caso, poder-se-á explorar, ainda, a relação entre o uso da voz passiva e a produção de textos informativos. Estes são tipicamente ancorados na narração e descrição de factos, não sendo, por vezes, relevante quem os praticou, daí o recurso frequente à voz passiva.

Só no tópico 5 desta mesma Unidade os estudantes encontram informação explícita referente à voz passiva. Neste momento, dá-se indicação aos estudantes de que o título do texto analisado anteriormente corresponde a uma situação de uso da voz passiva (Figura 34).

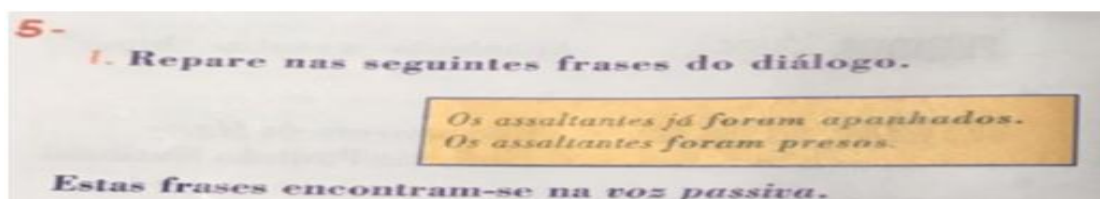


Figura 34: Excerto da obra *Português XXI – Livro do Aluno 2* (Fonte: Tavares, 2004, p. 106)

Não se encontra, neste manual, qualquer elemento expositivo a respeito da formação da voz passiva ou dos seus objetivos e contextos de uso. Pressupõe-se, ainda assim, que o docente proceda a tais explicações, uma vez que se encontra de seguida um exercício com uma extensa lista de frases que os alunos deverão transformar em voz passiva. Estes exercícios reproduzem-se e comentam-se abaixo (cf. Figura 35).

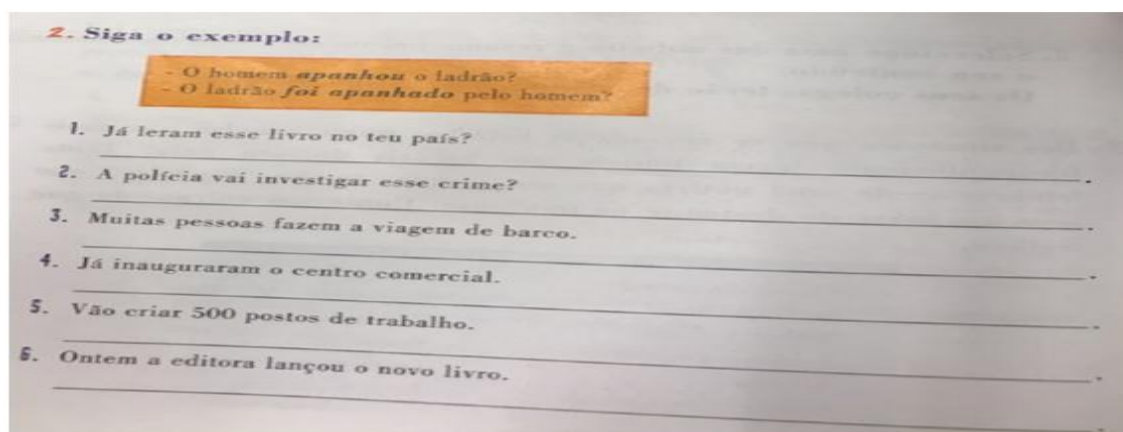


Figura 35: Excerto da obra *Português XXI – Livro do Aluno 2* (Fonte: Tavares, 2004, p. 106)

Nesta lista de frases encontram-se algumas cuja transformação para voz passiva pressupõe a existência de um complemento agente da passiva, como “A polícia vai investigar esse crime” e “Ontem a editora lançou o novo livro”. Encontram-se também exemplos de frases que, não tendo sujeito explícito, não incluirão, na voz passiva correspondente, complemento agente da passiva, como acontece em “Vão criar 500 postos de trabalho” e “Já inauguraram o centro comercial”.

É interessante verificar que as frases propostas neste exercício incluem formas verbais com diferentes características: encontram-se vários exemplos de tempos simples diversos (pretérito imperfeito, pretérito perfeito, presente), mas também de tempos compostos, nomeadamente no futuro (*vai investigar, vão criar...*). Assim, os estudantes perceberão que a transformação para voz passiva tem sempre de partir da análise da forma verbal da voz ativa, permitindo, ainda, que os mesmos consolidem os seus conhecimentos em termos de conjugação verbal.

O exercício 6 inclui uma extensa lista de outras frases. Neste caso, os alunos devem responder a uma pergunta, formulada na voz ativa, com uma frase passiva. Continua a encontrar-se diversidade em termos de características das formas verbais usadas, como se percebe pela Figura 36.

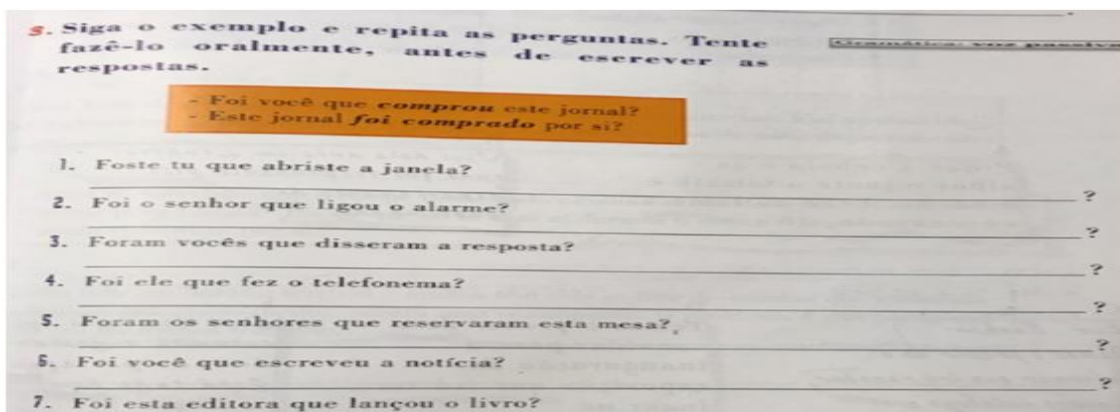


Figura 36: Excerto da obra *Português XXI – Livro do Aluno 2* (Fonte: Tavares, 2004, p. 107)

Em ambos os exercícios insiste-se na prática da oralidade e da escrita, o que assegura uma consolidação mais ampla destes conteúdos. Porém, destaca-se que nunca se pede aos estudantes que façam o exercício contrário, isto é, que partam de frases na voz passiva para as colocarem na ativa correspondente. Também é de sublinhar que, neste manual, se encontra apenas menção à voz passiva perifrástica, não se indicando a existência de outras formas de concretização da voz passiva.

No final desta unidade há um apêndice gramatical, no qual se explica a formação da voz passiva, dando-se alguns exemplos. Há também bastante informação sobre os chamados participios passados duplos (Figura 37).

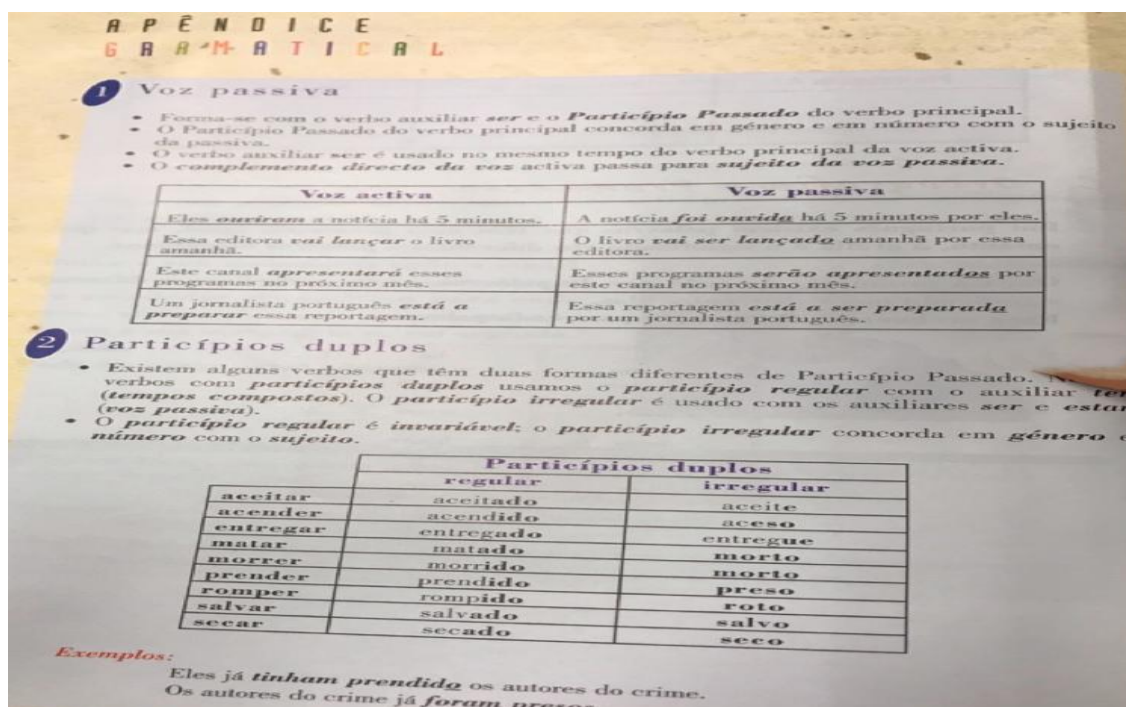


Figura 37: Excerto da obra *Português XXI – Livro do Aluno 2* (Fonte: Tavares, 2004, p. 112)

Português para Ensino Universitário 2 (Ye, 2010)

O manual *Português Para Ensino Universitário 2* (Ye, 2010) reúne um conjunto de materiais especialmente preparados para estudantes chineses da licenciatura em Português. Cada unidade contém três partes principais: texto, exposição de um conteúdo gramatical e exercícios. Após cada cinco unidades, há um teste para examinar os resultados de aprendizagem dos estudantes.

Na Unidade 2 deste material estuda-se o particípio passado, voz verbal e voz passiva com auxiliar. Primeiramente, explica-se como o particípio passado é formado (Figura 38). Depois apresentam-se os verbos abundantes. Muitos verbos têm dois particípios passados, um é regular e o outro é irregular, esses verbos são chamados de verbos abundantes, e particípios irregulares são usados com os verbos auxiliares *ser* ou *estar*.

aceitar	aceitado	aceite
acender	acendido	aceso
eleger (v.tr. 选举)	elegido	eleito
emergir (v.intr. 浮出)	emergido	emerso
entregar 交还, 归还	entregado	entregue
expressar (v.tr. 表达)	expressado	expresso
exprimir (v.tr. 表达)	exprimido	expresso
expulsar (v.tr. 驱逐)	expulsado	expulso
imprimir (v.tr. 印刷)	imprimido	impresso
isentar (v.tr. 豁免, 免除)	isentado	isento
libertar (v.tr. 解放)	libertado	liberto
matar (v.tr. 杀死, 杀害)	matado	morto
prender (v.tr. 系, 捆, 绑)	prendido	preso
salvar 救	salvado	salvo
suspender (v.tr. 中止)	suspendido	suspenso

Figura 38: Excerto da obra *Português para Ensino Universitário 2* (Fonte: Ye, 2010, p. 36)

A voz passiva é referida na sequência da abordagem do particípio passado. Neste manual, começa-se, como noutros materiais, por entender a composição da voz passiva, isto é o modo como nela ocorrem os verbos auxiliares e o particípio passado. Posteriormente, explica-se como se faz a conversão da ativa para a voz passiva e vice-versa (Figura 39).

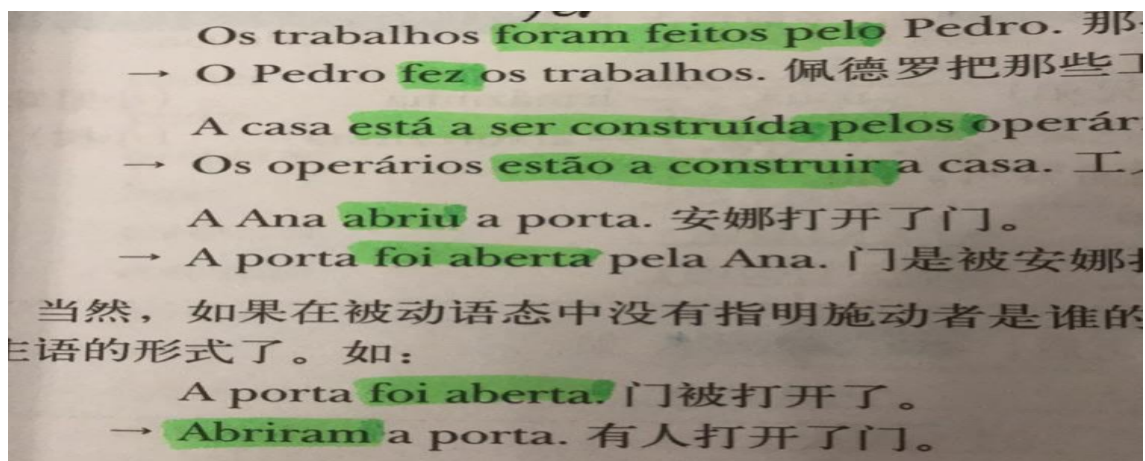


Figura 39: Excerto da obra *Português para Ensino Universitário 2* (Fonte: Ye, 2010, p. 38)

Sublinhe-se que, como este manual é especialmente destinado a aprendentes chineses de Português, os exemplos são sempre acompanhados da respetiva tradução em Chinês, o que poderá ajudar os estudantes a compreender as especificidades de uso da voz passiva.

Os exercícios propostos envolvem principalmente esse ponto de conhecimento. No exercício IV, algumas palavras ou frases dispersas são fornecidas nos exemplos, e os estudantes precisam de as ordenar para construir uma oração passiva. Este exercício é relativamente simples, porque os vocábulos fornecidos já incluíam os verbos na voz passiva com auxiliar e o tempo dos verbos correto. Os alunos completam principalmente a parte que preenche a preposição *por*, o chamado agente da passiva, e acrescentam artigos e preposições necessários (Figura 40).

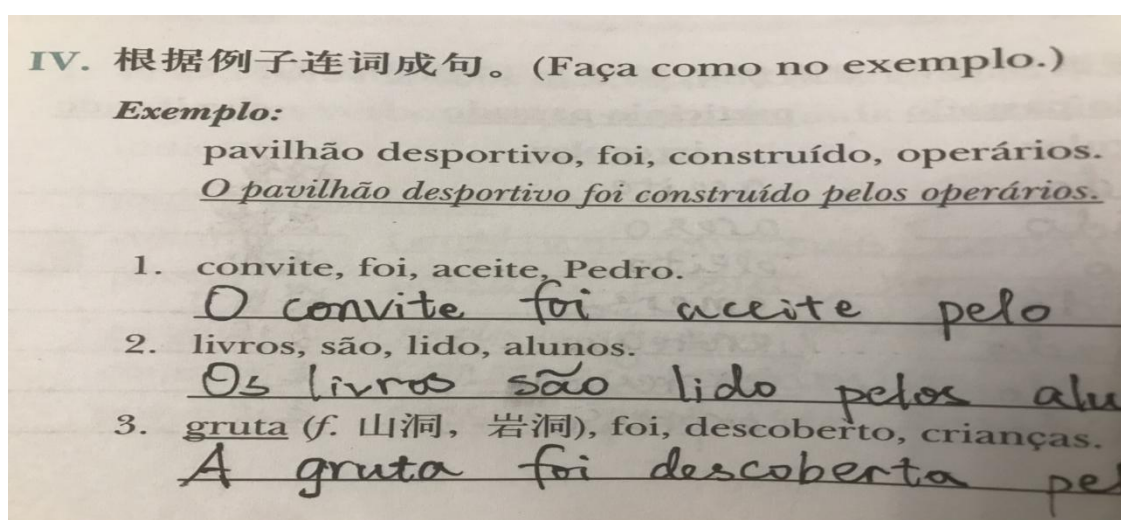


Figura 40: Excerto da obra *Português para Ensino Universitário 2* (Fonte: Ye, 2010, p. 42)

No exercício V, os estudantes precisam de passar as frases da voz ativa para a voz passiva. Como algum vocabulário usado é desconhecido dos estudantes, encontram-se traduções parciais em Chinês (Figura 41).

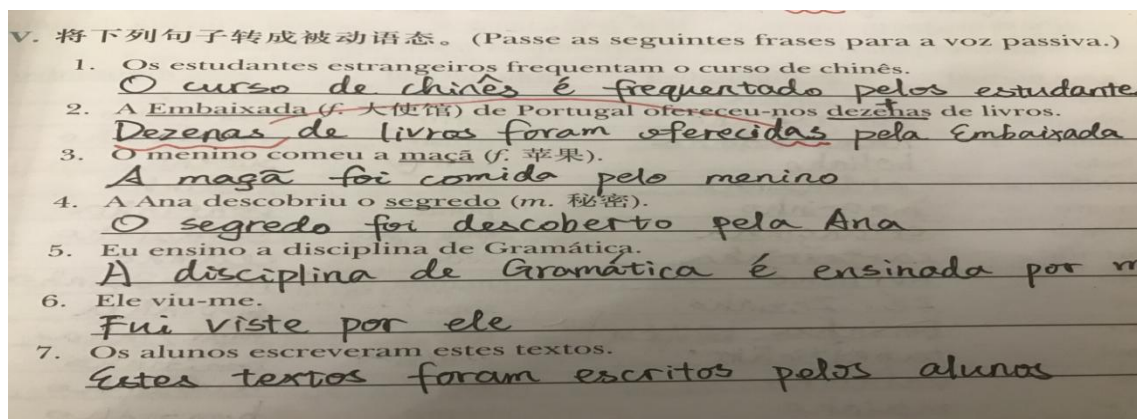


Figura 41: Excerto da obra *Português para Ensino Universitário 2* (Fonte: Ye, 2010, p. 43)

Na Unidade 6 deste manual, os estudantes estudam a voz passiva com pronome apassivador, que é composta pelas formas conjugadas de terceira pessoa dos verbos e pelo pronome *se*. Como acontecia nos exemplos anteriores, também aqui se encontram sempre as frases correspondentes em Chinês (Figura 42).

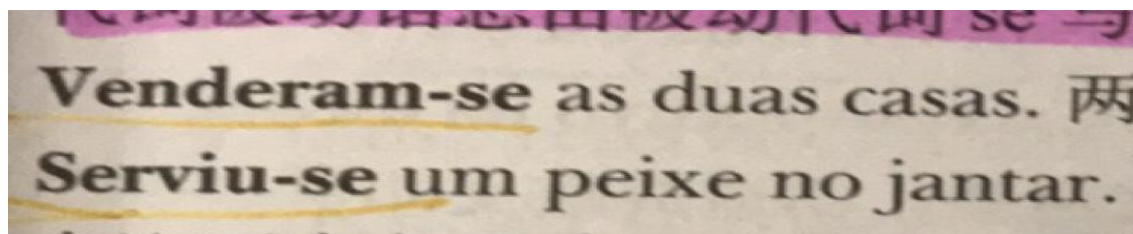


Figura 42: Excerto da obra *Português para Ensino Universitário 2* (Fonte: Ye, 2010, p. 151)

Para ajudar os alunos a compreender melhor as frases, as mesmas também são apresentadas na voz passiva perifrástica correspondente (Figura 43).

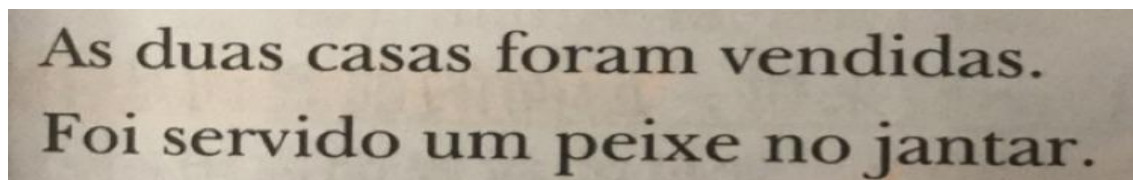


Figura 43: Excerto da obra *Português para Ensino Universitário 2* (Fonte: Ye, 2010, p. 151)

As características da voz passiva com pronome apassivador são resumidas através de uma análise comparativa das formas das duas frases: o verbo deve ser transitivo e só na

terceira pessoa, no singular ou no plural; o sujeito é, em geral, a coisa que sofre a ação; e o pronome passivo *se* permanece sempre igual.

O exercício sobre voz passiva desta unidade faz os estudantes distinguir se a frase está na voz passiva com pronome apassivador ou se se trata de uma ocorrência de sujeito indeterminado, pedindo-se também que se transforme a voz passiva com *-se* em voz passiva com auxiliar (Figura 44).

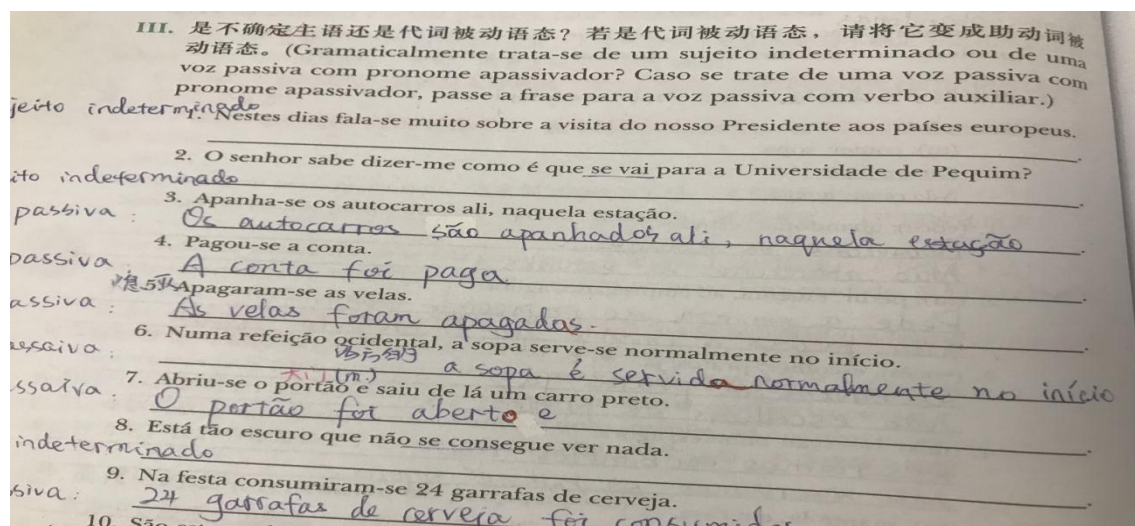


Figura 44: Excerto da obra *Português para Ensino Universitário 2* (Fonte: Ye, 2010, p. 154)

Este exercício pressupõe que os alunos saibam distinguir a voz passiva de *se* das estruturas de *se* de sujeito indeterminado. Porém, anteriormente, não se encontrou qualquer informação a respeito destas últimas estruturas no manual em análise.

4.1 Análise global

O comentário global relativo aos materiais didáticos analisados terá por base quatro áreas: introdução ao conteúdo em apreço, apresentação/explicação do mesmo, prática/exercícios de aplicação e avaliação.

(1) Introdução ao conteúdo

Nos materiais analisados, a introdução ao tópico em estudo é, em muitos casos, feita através do recurso a textos, desde recortes de jornal (materiais autênticos) a diálogos, permitindo, assim, que os estudantes contactem com contextos de uso das estruturas que,

seguidamente, serão estudadas com detalhe. Na Tabela 7 explicitam-se os materiais analisados nos quais se opta pela inserção de texto como estratégia de motivação e introdução ao estudo da voz verbal.

Tabela 7: Textos relacionados a voz verbal nos materiais

Materiais	A introdução ao tema faz-se mediante um texto?	Tipo de texto
<i>Exercícios E Notas Gramaticais</i> (Dias, 1993)		
<i>Gramática da Língua Portuguesa</i> (Wang, 1996)		
<i>Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível A1, A2, B1</i> (Oliveira et al., 2007)	Sim	Diálogo
<i>Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível B2 e C1</i> (Oliveira et al., 2014)	Sim	Frases curtas
<i>Vamos Lá Continuar</i> (Rosa, 2003)		
<i>Aprender Português 2 – Nível B1</i> (Oliveira et al., 2007)	Sim	Revista
<i>Aprender Português 3 – Nível B2</i> (Oliveira et al., 2007)	Sim	Jornal (texto adaptado)
<i>Português XXI – Livro do Aluno 2</i> (Tavares, 2004)	Sim	Diálogo e notícias dos jornais diferentes
<i>Português Para Ensino Universitário 2</i> (Ye, 2010)	Sim	Texto longo

Fonte: Elaboração própria.

Dentre os 9 materiais analisados neste trabalho, há 6 no total que introduzem a voz verbal recorrendo à exploração de texto. À exceção de textos escritos pelo próprio autor

dos livros didáticos, os demais textos são artigos autênticos, retirados de jornais ou revistas.

Os artigos adaptados de jornais e revistas tornam o conteúdo dos materiais mais vivo e aumentam muito o interesse dos alunos pela aprendizagem da Língua Portuguesa. Se o formato do texto nos materiais for único, não será capaz de atrair o interesse dos alunos para a aprendizagem de línguas e se os alunos não estiverem interessados, será difícil atrair sua atenção por tempo suficiente.

Além disso, a inserção de conteúdo extra-flo de jornais ou revistas no livro didático permitirá que os alunos adquiram o conhecimento de forma mais sutil. Grande parte da alegria de ler os textos vem de descobrir uma grande quantidade de conhecimento para além do próprio livro, como se estivesse a ver um mundo mais amplo. Quando os alunos leem notícias retiradas de dois jornais diferentes no manual *Português XXI – Livro do Aluno 2* (Tavares, 2004), são mencionados muitos eventos ocorridos em Portugal (os textos incluem referências a um roubo em Setúbal, à autora J.K Rowling e aos livros dela; à abertura próxima de um centro comercial e às medidas da UE de combate à imigração). Os alunos pensarão, com base nesses conteúdos, onde é Setúbal? Quem é J.K Rowling? De que tipo de centro comercial se trata? Qual o impacto das medidas tomadas pela UE? Quando este tipo de artigo aparece no livro didático, os alunos ficam curiosos e querem aprender mais sobre esses temas. Os alunos saem temporariamente do processo de ler os textos para abarcar novos conhecimentos e, finalmente, de volta ao conteúdo específico do livro, a leitura torna-se mais multidimensional e mais fácil de entender. Assim, enquanto adquire o conhecimento da gramática, também aprende sobre a cultura portuguesa. Quando os alunos sentem esta possibilidade de expansão do conhecimento, percebem que ler textos dos materiais significa aprender mais conhecimentos do que aqueles que estão mesmo no livro, e o interesse por estudar a Língua Portuguesa aumenta.

(2) Apresentação do tópico e explicação

Nesta seção, as estruturas gramaticais são geralmente abstratas do seu contexto de uso nos textos anteriormente referidos, para serem apresentadas de forma detalhada. Neste contexto, é importante que os estudantes percebam para que serve a voz verbal em causa, com que objetivos e em que contextos se usa. Também é fundamental que se forneçam informações aos estudantes a respeito da formação da voz passiva. Na Tabela 8 dão-se alguns detalhes sobre o modo como o tópico gramatical em apreço é apresentado e explicado aos estudantes nos vários materiais didáticos analisados.

Tabela 8: Resultado da explicação dos materiais

Materiais	Inclui explicação do conteúdo em questão?	Estratégia	Conteúdo principal da explicação
<i>Exercícios E Notas Gramaticais</i> (Dias, 1993)	Não		
<i>Gramática da Língua Portuguesa</i> (Wang, 1996)	Sim	Exemplos	Formação da voz passiva
<i>Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível A1, A2, B1</i> (Oliveira et al., 2007)	Sim	Esquemas, figuras e exemplos	Objetivo de uso da voz passiva
<i>Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível B2 e C1</i> (Oliveira et al., 2014)	Não		
<i>Vamos Lá Continuar</i> (Rosa, 2003)	Sim	Esquema e exemplos	Formação da voz passiva
<i>Aprender Português 2 – Nível B1</i> (Oliveira et al., 2007)	Sim	Esquemas, figuras e exemplos	Objetivo de uso da voz passiva
<i>Aprender Português 3 – Nível B2</i> (Oliveira et al., 2007)	Não		
<i>Português XXI – Livro do Aluno 2</i> (Tavares, 2004)	Não		
<i>Português Para Ensino Universitário 2</i> (Ye, 2010)	Sim	Esquema e exemplos	Formação da voz passiva

Fonte: Elaboração própria

Cinco dos nove materiais que analisamos incluem uma seção explicativa acerca da voz verbal, usando sempre exemplos, esquemas e figuras para que essa apresentação e explicação seja mais intuitiva.

Por meio de gráficos e esquemas, explica-se, de forma tão visual quanto possível, a composição ou organização estrutural de diferentes tipos de voz passiva, permitindo, em várias circunstâncias, perceber a relação entre a organização frásica típica da voz ativa e a organização a seguir em frases passivas. Ao comparar frases nas duas vozes, os alunos podem compreender, de forma mais clara e intuitiva, as mudanças operadas na distribuição dos seus componentes, bem como perceber as circunstâncias em que deixam de usar a voz ativa e passar a preferir a voz passiva para se expressar.

Especificamente no que respeita ao verbo destas orações, na obra *Vamos Lá Continuar* (Rosa, 2003, p. 15), por exemplo, explica-se que se usam auxiliares *ser*, *estar* e *ficar* seguidos do particípio passado do verbo principal; já na *Gramática da Língua Portuguesa* (Wang, 1996, p. 264) indica-se que voz passiva com pronome *se* é composta associando-se o pronome *se* a formas verbais conjugadas na terceira pessoa.

Além disso, alguns materiais indicam o objetivo de uso da voz passiva, referindo-se, por exemplo, no manual *Aprender Português 2 – Nível B1* (Oliveira et al., 2007, p. 97), que a mesma serve para “reforçar o papel do objeto de uma ação que passa a sujeito; falar de uma ação em que o agente é desconhecido ou não é importante e falar do resultado de uma ação.” Também neste material didático, afirma-se que passivas com *se* podem usar-se em situações em que “não se quer ou não se deve expressar o agente da ação.”

Importa ressaltar que as explicações fornecidas, seja em termos de estrutura frásica, de constituição das formas verbais em causa, ou de objetivos/contextos de uso, são mais direcionadas à chamada passiva perifrástica, fazendo-se a distinção entre passivas de ação e de estado, mas não se dá tanta atenção às estruturas passivas de *se*. A exceção encontra-se no manual *Português Para Ensino Universitário 2* (Ye, 2010), no qual a voz passiva com pronome *se* é cuidadosamente introduzida ao longo do capítulo e explicam-se inclusivamente as diferenças entre as estruturas de *se* de sujeito indeterminado e a voz passiva de *se*. Como o autor deste livro é chinês, ele poderá ser mais capaz de entender os problemas que os alunos chineses encontraram nos seus estudos e, talvez por isso, ele faz uma explicação mais abrangente destas especificidades da voz passiva.

(3) Exercícios

Depois de apresentado e discutido o conteúdo gramatical a trabalhar, os professores deverão potencializar a realização de exercícios de aplicação, com o objetivo de que os alunos possam dominar gradualmente os conhecimentos gramaticais através de práticas controladas e processos de exercício livre. A seguir (Tabela 9), sistematizamos os exercícios identificados nos materiais didáticos analisados.

Tabela 9: Resultados do exercício da voz verbal

Materiais	Tipos de exercícios de voz verbal	Os exercícios pressupõem ativação de outros conhecimentos gramaticais/lexicais?
<i>Exercícios E Notas Gramaticais</i> (Dias, 1993)	Transformação de voz ativa em voz passiva	
<i>Gramática da Língua Portuguesa</i> (Wang, 1996)		
<i>Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível A1, A2, B1</i> (Oliveira et al., 2007)	Transformação de voz ativa em voz passiva, Preenchimento de espaços em branco, Organização de palavras soltas numa frase	Uso do futuro
<i>Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível B2 e C1</i> (Oliveira et al., 2014)	Transformação de voz ativa em voz passiva, Ligação de frases	
<i>Vamos Lá Continuar</i> (Rosa, 2003)	Preenchimento de espaços em branco, Transformação de voz ativa em voz	

	passiva	
<i>Aprender Português 2 – Nível B1</i> (Oliveira et al., 2007)	Transformação de voz ativa em voz passiva, Preenchimento de espaços em branco	uso de vários tempos verbais
<i>Aprender Português 3 – Nível B2</i> (Oliveira et al., 2007)	Preenchimento de espaços em branco, Transformação de voz ativa em voz passiva	
<i>Português XXI – Livro do Aluno 2</i> (Tavares, 2004)	Transformação de voz ativa em voz passiva, Identificação da voz passiva nas notações	
<i>Português Para Ensino Universitário 2</i> (Ye, 2010)	Organização de palavras soltas para formar uma frase, Transformação de voz ativa em voz passiva, Tradução de frases de Chinês para Português	Recurso a vocabulário aprendido previamente

Fonte: Estatísticas por próprio

Pelos dados acima, percebe-se claramente que os exercícios ocupam grande parte dos materiais didáticos. À exceção de um livro de gramática, todos os outros livros didáticos incluem uma parte de exercícios. De entre os vários exercícios propostos, o de “transformação de voz ativa em voz passiva e vice versa” é o tipo mais comum. Em três dos materiais analisados associa-se a transformação de voz a exercícios de conjugação

verbal, na medida em que se pede aos alunos para usar diferentes tempos verbais para completar a conversão de voz passiva ou ativa. E na obra *Português Para Ensino Universitário 2* (Ye, 2010) encontra-se um exercício que requer que os alunos traduzam frases de Chinês para Português, o que significa que os alunos também precisam de usar o vocabulário e os tempos verbais que já dominam para concluir este exercício. Resolver estes exercícios contribuirá não só para aprofundar a compreensão do conhecimento da voz verbal, mas também será importante para rever conteúdos anteriores. Ao resolver os exercícios, os estudantes também têm de refletir sobre os tópicos em questão. Assim, com esta reflexão permanente e com treino, o nível de apropriação destas estruturas pelos estudantes pode ser continuamente melhorado. Ao resolverem uma série de exercícios de voz verbal, os alunos leem cuidadosamente todos os exemplos de voz ativa e passiva, estando assim expostos a ocorrências de uso do conteúdo gramatical em causa.

Tendo em conta as reflexões compiladas no capítulo III, podemos perceber que os materiais didáticos em análise apresentam algumas deficiências no que respeita ao fomento da interação (oral e escrita) com recurso ao tópico em análise, uma vez que não se propõem exercícios de simulação, nem “jogos de papéis” que pudessem levar os alunos a simular situações quotidianas em que se usem as estruturas de voz passiva. Na realidade, depois de estudarem as explicações da voz passiva, os alunos são chamados, sobretudo, a realizar exercícios de repetição de estruturas, imitando/replicando os exemplos fornecidos. Ora, se esta opção poderá ser benéfica para a consolidação das estruturas de voz passiva, por certo não é suficiente para que os estudantes compreendam em que contextos as vão usar. Assim, resta confiar na criatividade dos professores, para proporcionarem exercícios diversificados e que fomentem a autonomia, criatividade e capacidade de adequação comunicativa por parte dos estudantes.

(4) Avaliação

Quando o processo de prática está concluído, os professores devem avaliar a aprendizagem dos alunos, a fim de deixar claro para professores e alunos a condição atual do conhecimento e a preparação para a prática posterior. A seguir (Tabela 10), refletiremos sobre os exercícios de avaliação desses materiais didáticos.

Tabela 10: Resultados do exercício da aplicação da voz verbal

Materiais didáticos	Exercícios de avaliação
<i>Exercícios E Notas Gramaticais</i> (Dias, 1993)	Não
<i>Gramática da Língua Portuguesa</i> (Wang, 1996)	Não
<i>Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível A1, A2, B1</i> (Oliveira et al., 2007)	Não
<i>Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível B2 e C1</i> (Oliveira et al., 2014)	Não
<i>Vamos Lá Continuar</i> (Rosa, 2003)	Não
<i>Aprender Português 2 – Nível B1</i> (Oliveira et al., 2007)	Sim
<i>Aprender Português 3 – Nível B2</i> (Oliveira et al., 2007)	Não
<i>Português XXI – Livro do Aluno 2</i> (Tavares, 2004)	Sim
<i>Português Para Ensino Universitário 2</i> (Ye, 2010)	Sim

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com a pesquisa, os três materiais didáticos acima referidos incluem testes com exercícios de voz verbal. Podemos dizer quanto mais os alunos interagem ativamente com os exercícios de avaliação, melhor se lembrarão dos conteúdos em causa. E quando os alunos são testados com perguntas complexas, para cujas respostas canalizam o trabalho árduo precedente, os benefícios do teste são maximizados.

V. Considerações finais

A presente dissertação propõe-se apresentar um estudo a respeito do modo como a voz verbal é trabalhada em materiais didáticos em uso no ensino-aprendizagem de PLE na China, conferindo especial atenção ao modo como é apresentada a voz passiva. Procurou-se, para tal, partir da perspectiva apresentada por diferentes linguistas e por outros estudos de referência a respeito da voz verbal em Língua Portuguesa. Espera-se que a dissertação possa contribuir para esclarecer como é apresentado e trabalhado este tópico gramatical, de modo a facilitar a identificação e contextualização das dificuldades que os alunos chineses encontram a este nível.

Na verdade, a descrição e explicação do sistema de voz verbal no Português não é muito clara, sendo difícil, por vezes, compreender as diferentes propostas de classificação apresentadas nas obras gramaticais, sobretudo se confrontarmos obras de diferentes épocas e/ou de diferentes posicionamentos teórico-metodológicos. Adicionalmente, as questões da voz verbal tornam-se ainda mais complexas por pressuporem um bom conhecimento das estruturas frásicas e o domínio de diversos conceitos associados à transitividade e às chamadas alternâncias argumentais.

Nesta dissertação tiveram-se em conta, sobretudo, trabalhos tradicionais (Cunha e Cintra, Bechara), de incontornável importância, seja para aprendizagem de Português enquanto língua materna, seja para aprendizagem de Português como LE. Estas abordagens foram complementadas com o recurso a recentes estudos sobre a voz verbal em Língua Portuguesa, como os Duarte (2003; 2013) e sobre a transitividade (Raposo, 2013).

Na gramática tradicional, identificam-se as diferentes estruturas da voz verbal, mas não há uma análise mais profunda a respeito do modo como estas estruturas se relacionam com outras construções nem se questionam as operações sintático-semânticas que lhes estão subjacentes. No entanto, nos recentes trabalhos de Duarte (2003) e Duarte (2013), já se procede a uma análise mais exaustiva destas questões, descrevendo-se com muito detalhe as diversas estruturas de voz verbal, relacionando-as com a organização frásica e com o modo como os diversos componentes da frase se organizam entre si. Na realidade, e apesar do discurso ser, necessariamente, mais hermético, porque técnico e especializado, estes textos trazem aportações relevantes também para o contexto do ensino de PLE, na medida em que ajudam professores e estudantes a compreender o modo como as várias estruturas se relacionam entre si e o modo como as respetivas características sintático-semânticas se

relacionam com os diversos contextos de uso.

Para compreender especificamente como é abordada a questão da voz verbal no contexto do ensino-aprendizagem do Português na China, analisamos manuais e gramáticas que são usados numa grande área da China e, portanto, têm um significativo impacto no modo como a Língua Portuguesa é a í ensinada, aprendida, consolidada e utilizada. Para os nove materiais didáticos selecionados como base deste trabalho, analisamos especialmente o modo como neles se incluem a) a introdução ao conteúdo em apreço, b) a apresentação/explicação do mesmo, c) a prática/exercícios de aplicação e d) a avaliação.

Em primeiro lugar, verificamos que estes materiais didáticos introduzem o tema da investigação através da utilização de textos, que incluem materiais autênticos retirados de revistas ou jornais e diálogos escritos pelos próprios autores. Esta estratégia, presente na maior parte dos materiais analisados, permite expor os alunos a diversos contextos de utilização das estruturas de voz passiva, possibilitando que a explicação das mesmas surja já mais contextualizada.

Após esta breve introdução à voz verbal, tanto quanto possível contextualizada através dos textos em exploração, os alunos terão já um certo entendimento sobre este tópico e, em seguida, os materiais didáticos analisados fornecem explicações detalhadas sobre a formação e a utilização da voz, especialmente da voz passiva. Nesse caso, é importante que os alunos não apenas entendam as particularidades associadas à formação da voz passiva, seja perifrástica ou de *se*, como também dominem os objetivos de uso da voz verbal. Constatou-se, a este nível, alguma desproporção na extensão, detalhe e profundidade da explicação relativa à voz passiva perifrástica, muito mais presente e minuciosa, e à voz passiva de *se*, abordada de forma mais superficial. Não há grande enfoque na relação entre estas estruturas e outras, que podem causar confusão aos estudantes, como as estruturas reflexas e recíprocas, ou as estruturas de sujeito indeterminado.

Após a apresentação e explicação deste tema, um grande número de exercícios é fornecido nos materiais didáticos para treinar os alunos. Neste contexto, são maioritariamente sugeridos exercícios de repetição ou reprodução de estruturas, de modo a que os alunos interiorizem as regras de formação da voz passiva, percebendo-se, uma vez mais, uma especial preferência pela passiva perifrástica. Nestes exercícios, os alunos têm, frequentemente, de colocar em uso conhecimentos prévios ao nível da conjugação verbal ou conhecimentos lexicais. Através destas opções, os alunos dominam gradualmente o conhecimento da voz verbal, trabalhando estas competências por meio de práticas

controladas (exercícios propostos), podendo complementá-las com exercícios livres, a que chegam autonomamente ou por indicação do professor. Porém, é de destacar o pouco relevo que é dado aos exercícios de simulação ou de produção textual orientada, através dos quais os alunos poderiam ser chamados a usar as estruturas de voz passiva em contexto. Acreditamos que esta opção pode condicionar a capacidade futura de os estudantes usarem, de forma autónoma e contextualmente adequada, as estruturas de voz passiva e outras estruturas próximas, como as estruturas de *se* de sujeito indeterminado.

Registaram-se poucos materiais com exercícios especificamente destinados à avaliação do domínio das estruturas de voz verbal.

O trabalho da voz verbal em diferentes manuais e gramáticas de PLE usados na China é realizado sempre a partir dos seus componentes e da sua estrutura. Embora o conteúdo principal seja geralmente o mesmo, alguns materiais didáticos usam artigos autênticos para atrair o interesse dos alunos, tornando a aprendizagem da voz passiva mais vivaz e favorecendo a consolidação de outros conhecimentos culturais sobre Portugal e os países de Língua Portuguesa. Uma vez que os alunos estão interessados no conteúdo do texto, isso também irá estimular sua capacidade de aprendizagem independente.

Ao contrário, nos exercícios desses materiais didáticos, a voz verbal é apresentada principalmente de forma fixa, como o preenchimento de espaços lacunares em frases que incluem voz passiva, a transformação de voz ativa em passiva e vice-versa ou a seleção da conjugação na voz ativa ou passiva. Embora esse padrão de exercício fixo e repetitivo facilite a memorização das estruturas e das regras subjacentes à transformação de voz passiva em ativa e o contrário, poderá dificultar a utilização devidamente contextualizada das mesmas estruturas. Percebe-se, por exemplo, a pouca insistência em exercícios que facilitem a distinção entre voz passiva perifrástica, voz passiva de *se* e estruturas de *se* de sujeito indeterminado. Seria relevante talvez, neste contexto, favorecer a realização de mais exercícios de produção textual orientada, baseados em situações de interação simuladas mas representativas das situações reais.

Assim, a análise efetuada permite-nos propor algumas sugestões que poderão contribuir para aprimorar a aprendizagem da estrutura de voz verbal, com especial enfoque na voz passiva, pelos estudantes chineses. Assim, e de forma a minorar o impacto da reduzida diversidade de exercícios propostos nos materiais didáticos em uso, da pouca articulação com aspetos semânticos e lexicais e da pouca expressiva presença de elementos que fomentem a relação com as culturas e sociedades de língua, sugere-se que os

professores incentivem as suas turmas a explorar materiais autênticos, nomeadamente disponíveis digitalmente, seguindo canais especializados no ensino de PLE e procurando realizar as atividades a ípropostas, acompanhando os *sites* dos meios de comunicação social em Língua Portuguesa, seguindo programas ou séries televisivas em Português.

Também nos parece relevante que os estudantes possam colocar em contraste o Chinês e o Português, pois se estiverem conscientes das diferenças entre as línguas, mais facilmente perceberão os objetivos de uso e as estruturas associados à voz passiva nas duas línguas.

Finalmente, os alunos devem ser incentivados a atentar nas especificidades de diferentes tipos de textos, de modo a neles identificar as estruturas de voz passiva, uma vez que há textos – técnicos, científicos e jornalísticos, sobretudo – em que a voz passiva, por permitir a omissão do agente, é muito relevante.

Na realidade, a opção por estas três linhas de atuação poderá ser benéfica para complementar o trabalho com base nos materiais didáticos em uso, que, apesar de incontornáveis e de extrema importância, precisam, na atualidade, de ser complementados, sendo sempre perspetivados como um caminho possível entre muitos, como o início da caminhada.

Limitações e trabalhos futuros

Esta dissertação investigou alguns materiais didáticos autorizados no ensino de PLE da China, de modo a averiguar o modo como nestas obras se trabalha a voz verbal. Ainda que os materiais didáticos escolhidos sejam amplamente usados na China, estamos conscientes de que os mesmos poderão não dar uma imagem global dos materiais usados para ensino de PLE neste extenso país. Portanto, em trabalhos posteriores será relevante investigar outros livros didáticos para gerar uma conclusão mais sólida. Além disso, em trabalhos futuros será também relevante analisar os livros dos professores, pois poderão trazer informações relevantes no que respeita a estratégias e/ou abordagens indicadas para tratamento da voz verbal em contexto de sala de aula. É também importante referir que, de certo modo, a diversidade de materiais analisados foi afetada pelo contexto pandémico vivido durante a realização desta dissertação: estando a mobilidade fortemente condicionada, foi difícil aceder a mais materiais e garantir uma melhor qualidade de imagem daqueles que foram compilados.

Em estudos futuros, será relevante perceber, nomeadamente através de um questionário, de que modo estas estratégias baseadas no seguimento dos materiais analisados conseguem

(ou não) garantir que os estudantes adquirem estas estruturas de voz verbal, e, sobretudo, que as conseguem usar adequadamente em contextos comunicativos diversos.

Com efeito, o Ministério da Educação da China (Liu, 2018) tem afirmado que a educação em LE deve ter como objetivo desenvolver a competência dos estudantes para se comunicarem com outras pessoas usando o idioma em causa. Nesse sentido, torna-se imperioso permitir a diversificação de abordagens aos conteúdos de gramática, associando-os a questões culturais/sociais relevantes e ao estudo contextualizado do léxico, de modo a garantir um pleno uso dos mesmos nas reais situações de comunicação.

Referências bibliográficas

Abaurre, L., Pontara, M., & Fadel, T. (2005). *Português: língua e literatura*. São Paulo, Moderna.

Almeida, F. (1994) *Escolha e Produção de Material Didático para um ensino comunicativo de línguas. Contexturas: ensino crítico de língua inglesa*. São Paulo, Apliesp, n. 2.

Antunes, I. (2007). *Muito além da gramática: Por um ensino sem pedras no caminho*. 1ª edição. Belo Horizonte, Ed. Parábola.

Bagno, M. (1999). *Preconceito linguístico: O que é como se faz*. 49ª edição. São Paulo, Ed. Loyola.

Bechara, E. (1961). *Moderna Gramática Portuguesa (curso médio) – com base na Nomenclatura Gramatical Brasileira*. 1ª edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

Cook, V. (2008). *Second Language Learning and Language Teaching*. Location London.

Cui, C. (2012). *A seleção e a produção de materiais didáticos no processo do ensino do português aos alunos chineses. (Dissertação de Mestrado em Ensino do Português como Língua segunda e Estrangeira)*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Cunha, C., & Cintra, L. (1985). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Edições João Sá da Costa.

Dias, H. (1993). *Exercícios E Notas Gramaticais*. Lisboa, Colibri.

Duarte, I. (2003). A família das construções inacusativas. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa* (p. 507-548). Lisboa, Editorial Caminho.

Duarte, I. (2013). Construções ativas, passivas, incoativas e médias. In E. P. Raposo et al. (Orgs.). *Gramática do Português* (p.429-458). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. *Gramática do Português*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Duarte, I., & Brito, A. M. (2003). Predicação e Classes de Predicadores Verbais. In M. H. M. Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa* (p. 179-203). Lisboa, Editorial Caminho.

Ellis, R. (2006). Current Issues in the Teaching of Grammar: An SLA Perspective. *TESOL Quarterly*, 40(1). DOI:10.2307/40264512

Ferreira, L. (2021). *Português. Quanto vale a língua mais falada no hemisfério sul?* Disponível em: <https://www.dn.pt/sociedade/portugues-quanto-vale-a-lingua-mais-falada-no-hemisferio-sul-13684892.html>

Gileno, R. S. S. (2013). O ensino das línguas estrangeiras no Brasil: uma perspectiva histórico-metodológica. In D. C. Monteiro, R. M. M. Nascentes. (Org.) *Pesquisa, ensino e aprendizagem da Língua Inglesa: olhares e possibilidades*. São Paulo, Cultura Acadêmica, p. 13-44 (Série Temas em Educação Escolar, 18).

Han, Y. (2016). *Análise dos Manuais de PLE usados nas Universidades Chinesas no Nível de Iniciação (A1/A2 do QECRL): um estudo de caso em 5 Universidades da China continental*. Universidade de Minho.

Huang, W. (2015). *Ensino de português em salas de aula chinesas - como ensinar e o que ensinar*. Chi Zi (10)

黄伟. (2015). *中国课堂上的葡萄牙语教学——怎么教, 教什么*. 赤子.

Koike, B. (2019). *Na China, cada vez mais gente aprende a falar português*. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2019/10/16/na-china-cada-vez-mais-gente-aprende-a-falar-portugues.ghtml>

Li, C. S. (2012). *Macau como a única ponte para o intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente nos tempos modernos e uma revisão da sua investigação*. Beijing, Editora de Literatura de Ciências Sociais.

李长森. (2012). *澳门作为近代中西文化交流的唯一津梁及研究述评*. 北京, 社会科学文献出版社.

Li, M. (2020). *Estudos de Gramática Portuguesa*. Universidade de Línguas Estrangeiras de Zhejiang Yuexiu.

李梦. (2020). *葡萄牙语语法研究*. 浙江越秀外国语学院.

Liu, Z. W. (2017). *The Belt and Road Initiative traz Macau para uma "era de língua portuguesa"?* (23/12/2017) Disponível em <https://www.bbc.com/zhongwen/simp/chinese-news-42437505>

Liu, X. H. (2018). *Sobre a primeira reunião do 13º Comitê Nacional da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês- Carta de Resposta à Proposta nº0013 (Educativa nº 006)*. Ministério da Educação da República Popular da China

刘潇翰. (2018). *关于政协十三届全国委员会第一次会议-第0013号(教育类006号)提案答复的函*. 中华人民共和国教育部.

Madeira, A. (2017) *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*. In M. J. Freitas & A. L. Santos (ed.), *Aquisição de língua materna e não materna* (p. 305–330). Berlin, Language Science Press.

Mateus, M. H., Brito, A.M., Duarte, I., & Faria, I. H. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Caminho.

Ministério da Educação (2001). *Quadro de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Edições Asa.

Oliveira, C. et al. (2007). *Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível A1, A2, B1*. Lisboa, Texto Editores.

Oliveira, C. et al. (2014). *Gramática Aplicada - Português Para Estrangeiros, Nível B2 e C1*. Lisboa, Texto Editores.

Oliveira, C. et al. (2007). *Aprender Português 2 – Nível B1*. Lisboa, Texto Editores.

Oliveira, C. et al. (2007). *Aprender Português 3 – Nível B2*. Lisboa, Texto Editores.

Ortega, L., & Norris, M. (2008). Effectiveness of L2 Instruction: A Research Synthesis and Quantitative Meta-analysis. *Language Learning*, 50, p. 417-528. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/0023-8333.00136>

Qu, J. (2009) *Análise funcional da voz passiva em textos legislativos*. Qingdao, Ocean Universidade da China, Qingdao.

曲靖, (2009). *立法文本中被动语态的功能分析*. 青岛, 中国海洋大学.

Querido, P. (2021). *O ensino da gramática e as falsas verdades gramaticais nos manuais de PLE adotados na Galiza – uma experiência no EPE*. Universidade de Vego.

Raposo, E. (2013). Estrutura da Frase. In E. P. Raposo et al. (Orgs.). *Gramática do Português* (p.303-398). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Reto, L., Crespo, N., Espanha, R., Esperança, J., & Valentim, F. (2020). *A Língua Portuguesa como Ativo Global*. Imprensa Nacional.

Ribeiro, S. I. (2011). *Estruturas com se anafórico, impessoal e decausativo em português*. Tese de Doutoramento em Linguística. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Richards, J. (2001). *The role of textbooks in a language program*. Disponível em: <https://www.professorjackrichards.com/wp-content/uploads/role-of-textbooks.pdf>

Rosa, L. (2003). *Vamos Lá continuar*. Lisboa, LIDEL.

Rozenfeld, C., & Viana, N. (2006). *Planejamento de aula: uma reflexão sobre o papel do livro didático e as fases da aula*. Anais do II Congresso ABRAPA. Disponível em: <http://www.abrapa.org.br/cd/npdfs/Rotzenfeld-Viana.pdf>.

Tang, S. J. (2015). *Problemas no material didático de português das universidades chinesas na perspectiva da interação*. Sichuan, Universidade de Língua Estrangeira de Sichuan.

唐思娟. (2015). *从互动的角度浅析中国高校葡萄牙语教材存在的问题*. 四川, 四川外国语大学.

Tavares, A. (2004). *Português XXI – Livro do Aluno 2*. Lisboa, LIDEL.

Tomlinson, B. (2001). Materials development. In R. Carter & D. Nunan (eds.) *The Cambridge Guide to Teaching English to Speakers of Other Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.

Wang, B. L. (2017). *Currículo e teoria de ensino*. Pequim, Higher Education Press.

王本陆. (2017) *课程与教学论*. 北京, 高等教育出版社.

Wang, S. Y., & Lu, Y. B. (1999). *Gramática da Língua Portuguesa*. Shanghai, Shanghai Foreign Language Education Press.

王锁瑛, 鲁晏宾, (1999). *葡萄牙语语法*. 上海, 上海外语教育出版社.

Wen, Q. F., Wang, L. W., & Liang, M. C. (2005). *Corpus falado e escrito de aprendizes chineses*. Beijing Foreign Language Teaching And Research Press.

文秋芳, 王立伟, 梁茂成, (2005). *汉语学习者口语和书面语料库*. 北京外语教学与研究出版社.

Xu, L. (2008). *Uma análise da função textual da voz passiva*. Yangzhou, Universidade de Yangzhou, Yangzhou.

徐丽, (2008). *被动语态语篇功能分析*. 扬州, 扬州大学.

Ye, Z. L. (2010). *Português Para Ensino Universitário 2*. Beijing, Foreign Language Teaching And Research Press.

叶志良. (2010). *大学葡萄牙语*. 北京: 外语教学与研究出版社.

Ye, Z. L. (2014) *O Status Quo do Desenvolvimento do Português na China*. Disponível em: <https://www.xzbu.com>

叶志良. (2014). *中国葡萄牙语发展现状*.